

ALINE BERBERT TOMAZ FONSECA LAUAR

**NÃO O VEJO MAIS EM VITÓRIA: A SUBSTITUIÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO
DE TERCEIRA PESSOA NA FALA CAPIXABA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lilian Coutinho Yacovenco

VITÓRIA
2014

ALINE BERBERT TOMAZ FONSECA LAUAR

**NÃO O VEJO MAIS EM VITÓRIA: A SUBSTITUIÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO
DE TERCEIRA PESSOA NA FALA CAPIXABA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em _____ de _____ de 2015

BANCA EXAMINATÓRIA

Prof^a Dr^a Lilian Coutinho Yacovenco
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Orientadora

Prof^a Dr^a Maria Marta Pereira Scherre
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico – CNPq

Prof^a Dr^a Maria Eugênia Lamoglia Duarte
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu vida, saúde e me capacitou para que eu pudesse completar mais essa jornada. Agradeço pelo amor, pela misericórdia e pelas bênçãos recebidas do pai. A Deus toda honra e glória por essa e por todas as conquistas da minha vida.

Ao meu esposo Héber que foi minha sustentação nesses anos de pesquisa. Obrigada, meu amor, pelo apoio, incentivo, pela compreensão nas minhas ausências, por cuidar de mim e do nosso lar quando eu mesma não o podia fazer. A você todo amor que eu possa sentir, toda gratidão que eu possa expressar. Sem você eu não conseguiria!

Aos meus pais Wildma e Adroaldo que sempre me apoiaram e incentivaram a estudar, que não mediram esforços para que eu tivesse uma boa educação e realizasse meus sonhos. O amor e a gratidão que sinto por vocês são imensuráveis.

À professora Lilian Yacovenco, pela oportunidade de começar na pesquisa ainda como aluna de Iniciação científica e poder crescer como pesquisadora, como aluna e como pessoa através da sua orientação e do seu exemplo. Obrigada pela amizade e pelos encontros cheios de aprendizado e com cheirinho de café novo.

À professora Maria Marta Pereira Scherre pela disponibilidade para ensinar, para ler, para estar junto. Obrigada pela amizade, pelos textos emprestados, pelas inúmeras lições sobre o GoldVarb e o Varbrul que possibilitaram a realização desse trabalho.

A todos os professores do PPGEL – Programa de pós-graduação em linguística – que contribuíram direta e indiretamente para a minha formação.

À Capes/Fapes pela bolsa de pesquisa que viabilizou a realização desse sonho.

Vitória do Espírito Santo

“Um colibri lá na serra,
Cantando, veio me contar,
Do povo feliz dessa terra
Que um dia nasceu beira-mar.
Da igreja do alto da pedra,
Da ponte que leva até lá,
Do gosto do peixe em panela de barro,
Que as velhas da vila sabem preparar.
E o colibri cantou tanto,
Que eu me convenci com seu canto,
Foi obra do Espírito Santo esse lugar.
A felicidade tem um gosto de vitória,
Feliz a cidade que pode se chamar Vitória.
É pura verdade quando alguém nasce em vitória
Já faz parte da memória do Brasil
Da história do Brasil
Da glória do Brasil. Vitória”
João Alexandre

RESUMO

O presente estudo analisa o fenômeno variável relativo à representação do objeto direto anafórico na fala de Vitória/ES. Nesta capital, assim como em outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, João Pessoa, há a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa por outros três elementos: o pronome lexical, o sintagma nominal anafórico e a categoria vazia. Analisamos a amostra do Projeto PORTVIX – Português Falado na cidade de Vitória – constituída por 46 entrevistas tipicamente labovianas divididas pelo sexo/gênero do falante, sua escolaridade e sua faixa etária. Temos por base os pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Lingüística, de William Labov (2008 [1972]) e utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para a análise estatística dos dados. Apresentamos o encaixamento social e linguístico das variantes e observamos que o pronome lexical é altamente favorecido pela animacidade do antecedente, ao passo que a categoria vazia tem como favorecedor, além da animacidade, a faixa etária do falante e o sintagma nominal anafórico, a classe do antecedente. Verificamos, também, que o fenômeno na fala capixaba está alinhado ao cenário nacional.

Palavras-Chave: Variação; Objeto direto anafórico; Variedade Capixaba.

ABSTRACT

This study analyzes the variable phenomenon on the representation of the anaphoric direct object of spoken language in Vitória/ES. In this capital, as well as in other Brazilian cities, such as Rio de Janeiro, São Paulo and João Pessoa, there is the replacement of accusative clitic of third person for other three elements: the lexical pronoun, the anaphoric noun phrase and the null object. We analyzed the sample PORTVIX – Portuguese Spoken in Vitória – consisting of 46 labovian interviews divided by speaker's gender/sex, schooling and age group. As theoretical base, we got assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Changing, William Labov (2008 [1972]) and as methodological basis for statistical analysis the Goldvarb X program (Sankoff; Tagliamonte and Smith, 2005). We presented social and linguistic embedding of variants and observed that the lexical pronoun is highly favored by the preceding animacy element, while the null object has as enhancer, besides the animacy, the age of the speaker and the anaphoric noun phrase, the preceding element's class. We also verified that the phenomenon of spoken language in Vitoria/ES is aligned with the national scene.

Keywords: Variation; Anaphoric direct object; Capixaba variety.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Frequência relativa de uso das quatro variantes segundo a escolaridade dos falantes. Dados da pesquisa de Duarte (1986).....	32
Gráfico 2 – Pesos relativos em relação à faixa etária dos falantes. Dados do PortVix.....	78
Tabela 1 – Distribuição das entrevistas do PortVix em células de acordo com o gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes.....	17
Tabela 2 – Retenção pronominal segundo função sintática e período de tempo (dados de 1725 a 1981). Dados de Fernando Tarallo (1996).....	20
Tabela 3 – Objetos nulos no tempo. Dados de Cyrino (1996).....	21
Tabela 4 – Frequência relativa das variantes com antecedente sintagmático nas cinco capitais analisadas. Dados da pesquisa de Arruda (2006).....	35
Tabela 5 – Frequência relativa geral das variantes linguísticas na fala de Vitória. Dados PortVix.....	53
Tabela 6 – Quadro comparativo dos dados de fala.....	57
Tabela 7 – Frequência relativa de usos das variantes em relação à escolaridade dos falantes. Dados PortVix.....	59
Tabela 8 – Frequência relativa de usos das variantes em relação à faixa etária dos falantes. Dados PortVix.....	60
Tabela 9 – Frequência relativa de usos das variantes em relação ao gênero/sexo dos falantes. Dados PortVix.....	61
Tabela 10 – Frequência relativa de usos das variantes em relação às formas verbais. Dados PortVix.....	62
Tabela 11 – Frequência relativa de usos das variantes em relação à categoria morfológica do antecedente. Dados do PortVix.....	63
Tabela 12 – Frequência relativa de usos das variantes em relação ao número do antecedente. Dados PortVix.....	64
Tabela 13 – Frequência relativa de usos das variantes em relação à estrutura do sintagma verbal. Dados do PortVix.....	65

Tabela14 – Frequência relativa de usos das variantes em relação à função sintática do antecedente. Dados do PortVix.....	66
Tabela 15 – Frequência relativa de uso das variantes em relação ao traço [+/- humano] do antecedente. Dados do PortVix.....	66
Tabela 16 – Frequência relativa de usos das variantes em relação à animacidade do antecedente. Dados do PortVix.....	67
Tabela 17 – Frequência relativa de usos das variantes em relação ao traço [+/- específico] do antecedente. Dados do PortVix.....	68
Tabela 18 – Frequência relativa de uso das variantes em relação à distância do antecedente e da retomada. Dados do PortVix.....	68
Tabela 19 – Ordem de seleção das variáveis independentes. Dados PortVix.....	72
Tabela 20 – Frequência relativa e pesos relativos quanto à escolarização dos falantes. Dados do PortVix.....	75
Tabela 21 – Frequência relativa e pesos relativos quanto à faixa etária dos falantes. Dados do PortVix.....	77
Tabela 22 – Frequência relativa e pesos relativos quanto à gênero/sexo dos falantes. Dados do PortVix.....	81
Tabela 23 – Tabulação cruzada das variáveis traço [+/-humano] [+/-animado] do antecedente. Dados PortVix.....	82
Tabela 24 – Frequência relativa e pesos relativos em relação aos traços semânticos do antecedente. Dados do PortVix.....	85
Tabela 25 – Frequência relativa e pesos relativos em relação à classe gramatical do antecedente. Dados do PortVix.....	87
Tabela 26 – Frequência relativa e pesos relativos em relação ao número do antecedente. Dados do PortVix.....	89
Tabela 27 – Frequência relativa e pesos relativos em relação à estrutura do sintagma verbal. Dados do PortVix.....	91
Tabela 28 – Frequência relativa e pesos relativos em relação à especificidade do antecedente. Dados do PortVix.....	93
Tabela 29 – Frequência relativa e pesos relativos em relação à função sintática do antecedente. Dados do PortVix.....	96
Tabela 30 – Frequência relativa e pesos relativos distância do antecedente e sua anáfora. Dados do PortVix.....	97

Tabela 31 – Variáveis Sociais: rodada eneária. Dados PortVix99

Tabela 32 – Variáveis linguísticas, rodada eneária.Dados PortVix.....101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O OBJETO DE ESTUDO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
3 A FORMAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	16
CAPÍTULO I: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	18
1 VARIAÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA: PERCURSO HISTÓRICO	18
2 VARIAÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA: VISÃO DAS GRAMÁTICAS.....	23
2.1 Rocha Lima	23
2.2 Evanildo Bechara	24
2.3 Cunha e Cintra	25
2.4 Moura Neves e Ataliba de Castilho	26
3 VARIAÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA: VISÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA	28
3.1 Nelize Omena (1978)	28
3.2 Maria Eugênia Duarte (1986)	30
3.3 Elizabeth Malvar (1992).....	32
3.4 Niguelme Arruda (2006)	33
4 CONCLUSÃO.....	35
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
1 INTRODUÇÃO	37
2 AVALIAÇÃO DOS DADOS A SEREM ANALISADOS.....	37
3 O ENVELOPE DA VARIAÇÃO.....	39
4 HIPÓTESES.....	40
5 VARIÁVEIS ANALISADAS.....	43
5.1 Variáveis Sociais	43
5.2 Variáveis linguísticas.....	43
CAPÍTULO III: PRIMEIROS RESULTADOS	53
2 RESULTADOS GERAIS.....	53
2.1 Quadro Comparativo	56

3 Conclusão	69
CAPÍTULO IV: ANÁLISE MULTIVARIADA.....	70
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE MULTIVARIADA	70
2 ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	72
3 RESULTADOS DE PESOS RELATIVOS.....	73
3.1 Escolarização	74
3.2 Faixa Etária	76
3.3 Gênero/Sexo	78
4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	81
4.1 Traço semântico do antecedente [+/- humano; +/- animado]	81
4.2 Categoria Morfológica	86
4.3 Número do antecedente	88
4.4 Estrutura do sintagma verbal.....	90
4.5 Especificidade do antecedente.....	92
4.6 Função sintática do antecedente.....	94
4.7 Distância entre o antecedente e a retomada.....	96
5 RODADA ENEÁRIA	98
5.1 Variáveis Sociais	98
5.2 Variáveis Linguísticas.....	100
6 CONCLUSÃO.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui desenvolvida é fruto de um trabalho que se iniciou em 2010 como projeto de Iniciação Científica da graduação de Letras – Português da Universidade Federal do Espírito Santo. A paixão pela Sociolinguística Variacionista e pela possibilidade de navegar mares pouco explorados, a fala capixaba, levou-nos à observação da variação da representação do objeto direto anafórico em Vitória – ES.

O clítico acusativo perdeu suas forças e outras três formas linguísticas o tem substituído na fala dos brasileiros, conforme afirmam Duarte (1986) e Omena (1978): o pronome lexical, o sintagma nominal anafórico e a categoria vazia. O objetivo desse trabalho é observar essa variação na fala de Vitória. Para isso, serão analisadas, com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog (2009 [1968]), as 46 entrevistas, tipicamente labovianas, gravadas entre 2000 e 2002, que compõem o projeto PortVix (Português Falado na cidade de Vitória). Temos como intenção caracterizar a variedade capixaba no cenário do português brasileiro e contribuir para que tenhamos um panorama mais completo do quadro dos pronomes no português do Brasil (doravante PB).

1 O OBJETO DE ESTUDO

O fenômeno linguístico focalizado nesta pesquisa é a variação existente na representação do objeto direto anafórico na variedade do português falado na cidade de Vitória/ES.

Inúmeros trabalhos já foram realizados a fim de observar o comportamento dos pronomes no PB, especialmente com respeito ao clítico acusativo (Omena, 1978; Duarte, 1986; Cyrino, 1996; Malvar, 1992). Principalmente nos textos de Cyrino e Omena é percebido o distanciamento do PB das demais línguas românicas. Nestas línguas, como o Português Europeu (doravante PE), o Italiano, há a preservação do uso dos clíticos, enquanto no PB o falante quase não os utiliza, preferindo outras estratégias de preenchimento, como o pronome lexical, o sintagma nominal anafórico ou a categoria vazia, forma mais utilizada na fala dos brasileiros.

Pode-se observar essa variação nas orações transcritas¹ abaixo:

Clítico acusativo:

(1) “(...) faço exame e nunca volto pra mostrá-**los** (...)”²

[F,U, 15 a 25 anos]³

Pronome lexical:

(2) “(...) a menina me desafiou... botei **ela** pra fora de sala...”

[F, U, mais de 50 anos]

Sintagma nominal Anafórico:

(3) “(...) porque o carro tem seguro então precisa do boletim de ocorrência...

aí demora tanto... aí eu chamei meu namorado pra ir pegar **o carro** (...) “

[F, U, 15 a 25 anos]

Categoria vazia:

(4)“E: você ainda tem o cartão dele?”

Inf: Tem ...eu guardei **[0]** na minha pasta (...)”

[F, U, 25 a 49 anos]

A tradição gramatical, que fixa os parâmetros do bom uso da língua, considera corretas apenas as construções 1 e 3, com clítico e sintagmas nominais. A construção 2, com pronome lexical, presente na língua desde o português arcaico conforme afirma Nascentes (1953, p. 89) e definida como marca de brasileirismo por

¹ Todos os exemplos apresentados são retirados do *corpus* da pesquisa apresentado no item 3.

² As entrevistas foram transcritas utilizando símbolos que representam elementos da fala de acordo com normas para a transcrição observadas em Dionísio (2001):

- Pausa (...)
- Ênfase (MAIÚSCULAS)
- Alongamento de vogal (:::)
- Silabação (-)
- Interrogação (?)
- Truncamento de palavras (/)
- Ortografia (ta, to, ahã)

³ Legenda perfil social dos falantes:

gênero/sexo: (F) feminino; (M) masculino

Nível de escolaridade: (EF) ensino fundamental; (EM) ensino médio; (U) universitário

muitos autores (Nascentes, 1953; Amaral, 1981; Mattoso Câmara, 1972), ainda não é aceita pelo padrão da língua e tem status negativo, sendo estigmatizada principalmente em sentenças como “Vi ela”. O trecho de Nascentes transcrito abaixo ilustra bem esse fato:

A flexão casual, que tanto sofreu na passagem do latim para o português, foi acolher-se nos pronomes como ultimo refugio e lá mesmo não a deixou em paz a tendência destruidora popular. É um dos brasileirismos mais característicos o uso do pronome em caso reto na função de objeto direto: *vi ele, encontrei ela*. (NASCENTES, 1953, p.120)

Sobre o apagamento do objeto, como na construção 4, nada é mencionado pelas gramáticas, ainda que seja essa uma variante altamente utilizada na fala.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para cumprir o propósito de estudar a variação da representação do objeto direto anafórico na cidade de Vitória – ES, tomamos por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística, de Weinreich, Labov e Herzog (2009 [1968]), que se fundamenta na indissociabilidade entre língua e sociedade.

A língua é a manifestação maior da cultura de um povo e reflete as diferenças existentes nos papéis sociais de homens e mulheres, de jovens e idosos, de diversas classes sociais, diferentes etnias, entre tantos outros fatores que constituem as sociedades. Como as comunidades estão em constante mudança social, a língua, que as reflete, também varia e muda com o tempo, acompanhando as mudanças sociais de seus falantes.

Assim, as línguas são formadas por um sistema ordenadamente heterogêneo, o qual oferece várias alternativas de se dizer uma mesma coisa com um mesmo valor de verdade. A escolha entre uma alternativa e outra é permeada por fatores sociais, linguísticos e estilísticos e denomina-se variação linguística, propriedade inerente e regular do sistema linguístico o qual está presente em todos os estratos sociais e possui caráter sistematizável e passível de análise.

Ao se lançar aos estudos da variação e mudança linguísticas, William Labov (2008 [1972]) propôs uma teoria e metodologia de pesquisa que, mais tarde, seriam seguidas por muitos estudiosos em busca de respostas sobre como e porque as línguas variam. O presente trabalho baseia-se no método laboviano, por meio dele realizamos um levantamento de dados de fala para compor o *corpus* da análise. Segundo Labov (2008, p. 244), os dados de uma amostra devem relatar o mais fielmente possível o vernáculo da comunidade a ser estudada, sendo, portanto, necessário minimizar ao máximo o *paradoxo do observador*. De acordo com o autor, essa é a grande contradição da pesquisa sociolinguística: objetiva-se coletar dados a fim de descobrir como as pessoas falam em uma determinada comunidade quando não estão sendo sistematicamente observadas, entretanto, só se consegue coletar dados por meio da observação sistemática.

A preocupação de Labov com a variação e a mudança linguística se reflete nos problemas a serem enfrentados pelos linguistas, problemas esses que dizem respeito à *transição*, que é “o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior” (Labov, 2008, p.193), o *encaixamento*, que diz respeito à “matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo”(Labov, 2008, p. 193), e a *avaliação*, que se relaciona à busca dos “correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas”. (Labov, 2008, p. 193)

Consideramos cada uma dessas preocupações em nosso trabalho. Após a delimitação do *corpus* a ser analisado, fizemos uma descrição detalhada da variável sociolinguística a ser estudada, no caso, o objeto direto anafórico, e das formas variantes que a constituem: o clítico acusativo, o pronome lexical, o sintagma nominal anafórico e a categoria vazia. Em seguida, analisamos as variáveis linguísticas e sociais que atuam sobre o uso de uma variante ou outra.

Nos capítulos que se seguem apresentaremos detalhadamente cada etapa da presente pesquisa. A etapa da metodologia trata de uma análise quantitativa dos fatores que condicionam a escolha das variantes e pode ser realizada por meio de alguns programas computacionais disponíveis no mercado que permitem aos linguistas realizarem o processo de codificação e geração de dados estatísticos. Escolhemos como ferramenta estatística para auxiliar nas tarefas a serem realizadas

o pacote Varbrul que é “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (GUY; ZILLES, 2007, p.105). O programa “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente”. (GUY; ZILLES, 2007, p.105)

Após a análise estatística dos dados e com os resultados em mãos, nós, enquanto pesquisadores, devemos interpretá-los e sermos capazes de compreender em qual estágio está a variação, de observar seu encaixamento linguístico e social e de fazer uma projeção da variável no sistema linguístico. Nas considerações finais desse trabalho faremos todas essas avaliações.

3 A FORMAÇÃO DO *CORPUS*

Extraímos nosso *corpus* para compor essa pesquisa da amostra do projeto PortVix (Português Falado na Cidade de Vitória – ES), composta por 46 entrevistas tipicamente labovianas distribuídas por gênero/sexo (masculino e feminino), faixa etária (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49, 50 anos ou mais), e nível de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior).

O quadro abaixo nos mostra um panorama da distribuição dos falantes pelas variáveis sociais:

Tabela 1: Distribuição das entrevistas do PortVix em células de acordo com o gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes

Idade	07-14		15-25		26-49		50 ou +		Total de Falantes
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Sexo/Gênero									
Ensino Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio			3	3	2	2	2	2	14
Ensino Superior			2	2	2	2	2	2	12
Número total de falantes Entrevistados									46

Fonte: (Yacovenço et al., 2012)

As entrevistas da amostra PortVix foram gravadas entre os anos de 2000 e 2002. Todos os entrevistados são naturais de Vitória ou mudaram-se para a cidade até os 5 anos de idade, possuem pais capixabas, além de não terem se ausentado da cidade por um longo período de tempo.

Essa amostra é de extrema importância para os estudos sociolinguísticos variacionistas no Espírito Santo, pois foi pioneira no Estado e possibilitou que muitas pesquisas a respeito da fala capixaba fossem desenvolvidas, colocando o Espírito Santo no cenário nacional e internacional dos estudos da área. Contribuíram, para tanto, professores e alunos da graduação em Letras e do Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, principalmente as Professoras Doutoras Lilian Coutinho Yacovenco, coordenadora do projeto, e Maria Marta Pereira Scherre (YACOVENCO et al., 2012).

O trabalho aqui desenvolvido divide-se em quatro capítulos. No capítulo I, trazemos uma revisão bibliográfica dos trabalhos mais relevantes a respeito do tema, além da abordagem dos gramáticos sobre a função dos pronomes dentro da língua portuguesa. No capítulo II, apresentamos a pesquisa em si, o fenômeno variável em estudo, as hipóteses e a metodologia que norteiam a pesquisa. No capítulo III, apontamos os resultados gerais encontrados para o uso de cada variante. No capítulo IV, trazemos a análise binária de pesos relativos e a discussão a respeito dos fatores linguísticos e sociais que favorecem a variação, além de uma comparação entre os dados da rodada binária de pesos relativos com a rodada eneária. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

CAPÍTULO I: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1 VARIAÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA: PERCURSO HISTÓRICO

A formação do Português Brasileiro Moderno é marcada por seu distanciamento do PE devido à ação de vários fatores. Dentre eles podemos destacar: o contato com línguas indígenas e africanas; a forma como a língua portuguesa foi aprendida pela massa populacional predominante ao longo do período colonial, como segunda língua, sem o controle normativo da escola e com modelos defectivos da língua-alvo (OLIVEIRA, 2007, p.3); e também a vasta extensão do território nacional que dificultava uma unificação da língua aqui falada. Além disso, por se tratarem de duas variedades linguísticas distintas, utilizadas em territórios distantes, é natural que cada sistema tenha seguido sua própria evolução, mesmo que houvesse entre os dois países amplo intercâmbio social e cultural.

As distinções entre as duas variedades linguísticas são observadas na fonética, na sintaxe e em uma gama de fenômenos linguísticos, dentre os quais chama a atenção o sistema pronominal brasileiro.

Os pronomes pessoais em Português derivam-se dos pronomes demonstrativos latinos *ille, illa, illud* que se especificaram em *o(s), a(s)*, modificando-se em função da forma verbal em *lo(s), la(s), no(s), na(s)* (NUNES, 1996, p.208). No PE moderno, a posição dos clíticos é sempre enclítica fonologicamente, independentemente da palavra que os preceda. Diz-se, então, que o processo de cliticização fonológica ocorre da direita para a esquerda, como pode ser observado nos exemplos abaixo extraídos de Nunes (1996, p. 209).

(5) a. Quem-me vê?

b. Não-te vi.

c. Já-te digo.

d. Vamos-nos encontrar.

Esse é um dos motivos de ser vetado o início de sentenças pelo clítico nessa variedade linguística, de modo que são consideradas agramaticais sentenças como (6) (NUNES, 1996, p. 209).

(6) *Me empresta cem reais?*

O Português Brasileiro, no entanto, sofreu um rearranjo em seu sistema pronominal, que se iniciou com o que se pode chamar de inversão na direção de cliticização no PB (CYRINO, 1996, p. 167), afastando-o da variedade lusa.

Segundo Cyrino (1990 apud NUNES 1996, p. 215) é a partir do século XIX que a ordem dos clíticos passa a ser inversa no PB, acontecendo da esquerda para a direita. Esse processo torna a próclise a estratégia preferida para a colocação pronominal na variedade brasileira, permitindo que construções com clítico em início de sentença como em (6) não sejam apenas gramaticais, mas amplamente utilizadas por falantes de todos os níveis sociais.

Essa seria uma das causas apontadas para a perda do clítico de terceira pessoa em PB e sua manutenção no PE. Com a inversão na direção de cliticização torna-se possível que os clíticos iniciem as sentenças, com exceção do acusativo de terceira pessoa, que necessita de material fonológico que o preceda. Ao generalizar-se a próclise na variedade brasileira, houve a diminuição do uso da forma devido a essa restrição contextual, como em 7 d.

(7) a. *Me acorde às 7:00 horas.*⁴

b. *Te acordo às 7:00 horas.*

c. *Lhe acordo às 7:00 horas.*

d. **O acordo às 7:00 horas.*

e. *Eu o acordo às 7:00 horas.*

Dessa forma, a partir do século XIX as crianças brasileiras começaram a adquirir uma gramática com cliticização fonológica da esquerda para direita, o que as condicionou a usar formas proclíticas e a não assimilar as enclíticas. Com essa mudança, perpetuou-se uma gramática no PB que não contempla os clíticos

⁴ Exemplos retirados de Oliveira (2010, p. 27)

acusativos. Estes são aprendidos à medida que o falante entra em contato com o ensino formal, adquirindo-os por meio do estudo das regras das gramáticas tradicionais, da leitura e da escrita, mas não são comuns à fala.

Segundo Nunes (1996, p. 216), foi esse sistema inovador que abriu caminho para a entrada das estruturas que substituíram a antiga construção com clítico, a saber, o objeto nulo e o pronome tônico na posição de objeto direto. A esse respeito, Fernando Tarallo (1996) propôs um estudo diacrônico em que observou, a partir de 1700 - período em que já se pode falar em uma língua literária brasileira - através de cartas, diários e peças teatrais, a retenção pronominal no objeto direto e relacionou-o ao aumento da marcação do sujeito no PB.

A tabela abaixo, adaptada de Tarallo (1996, p. 84), mostra a retenção pronominal segundo a função dos elementos dentro da oração. São analisados, nesse estudo diacrônico, dados escritos dos anos de 1725, 1775, 1825, 1880 e dados sincrônicos de fala de 1981.

Tabela 2: Retenção pronominal segundo função sintática e período de tempo (dados de 1725 a 1981). Dados de Fernando Tarallo (1996)

	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Fonte: Adaptado de Fernando Tarallo (1996, p.84)

Os dados de Tarallo demonstram que a presença do clítico como objeto direto se relaciona diretamente com a ausência de pronome na função de sujeito. No período de 1725 a 1775, há o preenchimento da posição de objeto em detrimento da marcação do sujeito. A partir de 1825, começa uma diminuição significativa da marcação do objeto. Em 1981 o cenário se inverte, o pronome é retido na função de sujeito e omitido na função de objeto, “sugerindo assim que a perda da referência pronominal faz com que o sistema se re-arranje, marcando outros argumentos sentenciais mais frequentemente” (TARALLO, 1996, p. 83).

O autor demonstra por esse estudo que houve uma mudança na hierarquia para a retenção pronominal no PB, esta passou de

Objeto direto > sujeito

nos dados de 1725 e 1981, em que a marcação do sujeito era de 23,3% e do objeto 89,2%, para

Sujeito > objeto direto

perceptível em 1981 quando o pronome é expresso como sujeito em 79,4% dos casos, enquanto há apenas 18,2% de expressão do objeto. Para Tarallo foi essa reversão que abriu espaço para que as outras formas de preenchimento do objeto direto se fixassem na língua.

A pesquisa de Cyrino (1996) endossa a tese de Tarallo ao demonstrar o estabelecimento do objeto nulo no PB a partir do século XIX em dados retirados de peças teatrais de autores brasileiros:

Tabela 3: Objetos nulos no tempo. Dados de Cyrino (1996)

Século	Objetos nulos
1ª met. XVIII	14,2%
1ª met. XIX	41,6%
2ª met. XIX	23,2%
1ª met. XX	69,5%
2ª met. XX	81,1%

Fonte: Tabela adaptada de Cyrino (1996, p. 167)

Os dados de Cyrino apontam, como os de Tarallo, para o aumento do uso do pronome nulo a partir da primeira metade do século XX. A conclusão a que se pode chegar por esses dados é que, quando a forma canônica não é mais apreendida pelos falantes, deixa-se vazio o lugar por ela antes ocupado e, dessa forma, a categoria vazia se instaura na variedade brasileira, ganhando força com o passar dos séculos.

A autora (CYRINO, 1996, p. 165) observa em seus dados que também o pronome lexical já era empregado como acusativo no século XIX. Ele seria outro recurso para substituir o clítico, que já se encontrava em desuso. Para Mattoso Câmara (1972), um dos traços mais característicos do PB é o uso de “ele” como um acusativo, pois,

no PE, “ele, fora do caso-sujeito, só se encontra como forma tônica introduzida por uma preposição” (MATTOSO CÂMARA, 1972, p. 48). O autor expõe ainda que essa variante é típica do falar dos brasileiros de todos os níveis sociais, sendo evitada apenas em situações de maior formalidade, porém, mesmo nesses casos esta não é totalmente abandonada.

No entanto, o linguista entende que o pronome lexical no PB não é utilizado em função de acusativo, e sim assemelha seu comportamento ao dos nomes e demonstrativos:

A forma *ele* no português do Brasil deles [nomes e demonstrativos] se aproximou, separando-se do sistema dos pronomes pessoais, onde há flexão casual. Diz-se, portanto, *ele anda*, *falo a ele*, *vejo ele*, exatamente como *Pedro anda*, *falo a Pedro*, *vejo Pedro*, em vez de – *ele anda*, *falo-lhe* ou *falo a ele* e *vejo-o*, enquanto que para a primeira pessoa, por exemplo, usamos sempre flexões casuais - *eu ando*, *me fala* ou *fala a mim* e *me vê*. A inovação brasileira é, em última análise, uma inovação de estrutura, dissociando o pronome da terceira pessoa do sistema casual dos pronomes pessoais. (MATTOSO CÂMARA, 1972, p. 49)

Dessa forma, o pronome reto *ele(s)/ela(s)* aproxima-se dos demonstrativos e dos nomes por ser uma forma-base à qual podem ser acrescentadas desinências do feminino e do plural, diferentemente dos pronomes de primeira e segunda pessoas, *eu* e *tu*, que têm o plural heteronímico *nós* e *vós*. Além disso, semelhante aos nomes e demonstrativos, o pronome de terceira pessoa “está ligado aos nomes, dos quais ele é substituto; ao contrário, os pronomes da primeira e segunda pessoas que não se referem a um nome, mas diretamente às pessoas do discurso.” (MATTOSO CÂMARA, 1972, p.50)

Nesse contexto, segundo o autor, o pronome *e/le* firmou-se como uma forma sintática invariável quanto à atribuição de casos que, seguindo o comportamento dos nomes e demonstrativos, pode empregar-se em todos os casos, inclusive no acusativo, ocupando o lugar que o clítico o deixou vago.

Por este espectro, percebe-se que a manutenção dos clíticos acusativos de terceira pessoa no PB atual deve-se à ação normativa da escola. Uma evidência para tal afirmação é a presença do clítico na escrita, com raro uso na fala, conforme afirma

Nunes (1996, p. 219). Também, as gramáticas tradicionais estão repletas de campanhas contra o pronome lexical em função acusativa, como se verá no decorrer desse capítulo. Muitos manuais trazem-no como característica do português oral familiar, porém, são irredutíveis ao demonstrar que o lugar dessa categoria não é o de objeto e deve ser banido de tal função.

2 VARIAÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA: VISÃO DAS GRAMÁTICAS

As gramáticas normativas, com relação aos pronomes pessoais e oblíquos e suas funções, são categóricas ao afirmar que os pronomes nominativos devem exercer apenas a função de sujeito e predicativo na sentença, enquanto os pronomes acusativos ocupam o lugar de complementos verbais diretos.

Impõe-se, portanto, uma regra gramatical fixa da função dos pronomes dentro da construção oracional e também das estruturas que podem apropriar-se da função de sujeito e complemento. Desse modo, apenas a variante padrão que preenche a posição de objeto direto em cadeia anafórica, o clítico acusativo, é contemplada pelos gramáticos tradicionais, enquanto, a respeito das variantes não-padrão, estratégias que superam ampla e absolutamente a primeira na fala dos brasileiros, como demonstrado nas pesquisas abordadas nesse capítulo, pouco ou quase nada é dito.

Sabendo disso, o objetivo dessa seção é demonstrar como as gramáticas normativas abordam o fenômeno através de uma revisão dos manuais de Rocha Lima (1983), Evanildo Bechara (2004) e Cunha e Cintra (2001). Para uma explanação mais aprofundada, achamos por bem contrapor a concepção dos gramáticos tradicionais aos descritivistas, como Ataliba de Castilho (2010) e Maria Helena Moura Neves (2000).

2.1 Rocha Lima

Rocha Lima, em a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1983, p. 99), apresenta, na parte que destinou ao estudo da morfologia, a conceituação de

pronome. Nessa seção encontra-se a elucidação de que pronomes pessoais são aqueles que dizem respeito às três pessoas do discurso: aqueles que se referem ao sujeito das orações são chamados subjetivos ou retos, e os que desempenham papel de complemento do verbo denominam-se objetivos ou oblíquos. Ao situar o emprego dos pronomes dentro da sintaxe, o autor lança o argumento de que os objetos diretos são complementos dos verbos que são preenchidos apenas por pronomes oblíquos, não se referindo a nenhuma outra forma que possa desempenhar, também, essa função.

2.2 Evanildo Bechara

Evanildo Bechara (2004), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, assim como Rocha Lima, admite serem os pronomes pessoais retos aqueles que atuam como sujeito da oração e oblíquos os que são objetos, diretos ou indiretos. Porém, o autor faz algumas ressalvas quanto a essa regra. Segundo ele, há casos em que a norma pode ser contrariada, ocorrendo a forma reta pela oblíqua em algumas situações, por exemplo, quando este vier enfatizado no fim de grupo de força, como no exemplo (8) (2004, p. 173)

(8) Olha ele!

Considerando não apenas a forma padrão para a função de objeto direto, Bechara afirma que, no PB, pode-se omitir o objeto do verbo quando este se encontra perfeitamente conhecido pela situação linguística. Para dar mais credibilidade à informação, o autor afirma que “esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora” (2004, p.174). Dessa forma, o gramático admite ser parte do objeto direto anafórico a categoria vazia, no entanto, não se vale da informação de que seu uso é amplo na língua falada; afirma apenas ser essa estrutura correta.

Com relação ao uso do pronome lexical *ele* como objeto direto, Bechara é firme ao dizer que “O pronome *ele* no português moderno só aparece como objeto direto quando precedido de todo ou só (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em

prosa ou verso” (2004, p.175). Mais uma vez, a regra gramatical aponta que não se deve usar o pronome “ele” como objeto direto, com exceção dos casos específicos.

A afirmação do gramático de que o pronome *ele* só ocorre no português brasileiro nas situações linguísticas citadas pressupõe que ele não considera os outros diversos usos desse pronome como objeto que ocorrem a todo instante na fala dos brasileiros. Assim, apresenta-se o conceito de erro gramatical que tenta podar o falante para que ele retire de seu repertório linguístico a variante desprestigiada e utilize em seu lugar a variante padrão ou a não-padrão não-estigmatizada (categoria anafórica vazia).

2.3 Cunha e Cintra

Cunha e Cintra (2001), a respeito dos pronomes retos, afirmam que são empregados como sujeito, predicativo do sujeito ou vocativo dentro da oração. Os pronomes oblíquos são divididos em formas tônicas e átonas: as formas átonas empregam-se apenas como objeto direto ou indireto do verbo, enquanto as primeiras podem exercer a função de complemento nominal, agente da passiva e adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto (precedido de preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento). Assim, o autor admite o uso do pronome lexical *ele* como objeto do verbo, todavia, apenas quando aparece preposicionado como em: “Paciente, obreira e dedicada, é a ela que em verdade eu amo.” (2001, p. 297)

O que chama mais atenção na gramática de Cunha e Cintra é a parte destinada aos “Equívocos e Incorreções” em que os autores demonstram que a variação do objeto direto no português brasileiro é antiga, porém, dizem que se deve evitá-la:

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi ele. Encontrei ela.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritos portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 288)

Os autores fazem ainda uma observação para que o leitor não trate como erro uma sentença perfeitamente aceitável dentro da norma:

Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto. Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o, a, os, as*):

Não sei se elas me compreendem

Nem se eu as compreendo a elas.

(F. Pessoa, OP. 160)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

_ Conheço bem todos eles.

(H. Sales, DBFM, 150.)

Com o discurso de que as duas construções acima são legítimas e a forma “Vi ele” é um erro que deve ser evitado, Cunha e Cintra tornam ilegítimo o modo como milhares de brasileiros usam sua língua e rotulam como exímios falantes aqueles que obedecem às regras gramaticais e se valem de estruturas legitimadas. Esse exemplo demonstra nitidamente que aqueles que dominam a norma padrão, os falantes cultos, detêm prestígio e o poder, não só linguístico, mas dentro de todas as esferas da sociedade, enquanto àqueles que não se valem dessa variedade são oferecidas as margens.

2.4 Moura Neves e Ataliba de Castilho

Diferentemente dos gramáticos tradicionais, Ataliba de Castilho (2010) e Moura Neves (2000), para construírem suas gramáticas, primeiramente levam em consideração a pesquisa linguística, observando como a língua é realmente usada pela sociedade brasileira, não só na escrita como também na fala. Os autores procuram não apenas fixar padrões que devem ser seguidos, mas analisar os processos criativos e variáveis de formação das sentenças que são citadas em suas gramáticas, tendo por objetivo a construção de uma gramática descritiva da língua e não normativa como as três anteriormente revisadas.

A Gramática de Usos do Português, de Maria Helena de Moura Neves (2000), apresenta uma estrutura estética e organizacional bem próxima das gramáticas tradicionais. No entanto, a autora, ao versar sobre cada categoria morfológica, sintática ou semântica, procura fazer uma conceituação profunda de quais são as funções e características dos elementos em questão dentro dos textos e na interação entre falantes.

Quanto à posição que os pronomes ocupam dentro da oração, focando o caso do objeto direto, Moura Neves expõe a regra do clítico acusativo de terceira pessoa como objeto direto do verbo, mas enfatiza que os gramáticos tradicionais só admitem esse tipo de construção e destaca que, na língua falada, e já também na escrita, ocorrem estruturas do tipo:

“Benê **levou ELE**. Levou quase à força .

Olha ELE lá. Vamos aproveitar ...” (MOURA NEVES 2000, p. 457)

Ataliba de Castilho (2010), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, toma por base as pesquisas de Duarte (1989) e Cyrino (1997) e aponta que o objeto direto tem por propriedades: 1) ser proporcional aos pronomes pessoais acusativos ele/o; 2) na passiva, assumir a função de sujeito da sentença; 3) ser preenchido por sintagma nominal de núcleo pronominal ou nominal e por sentença objetiva direta; 4) ter papel temático paciente; 5) poder ser omitido da sentença. (2010, p. 300 – 301)

Assim, o autor admite as quatro variantes para a função de objeto direto, não restringindo a regra somente ao clítico, como fazem os gramáticos tradicionais. Castilho focaliza ainda que o clítico acusativo vem sofrendo uma queda desde a primeira metade do século XIX, quando a categoria vazia começa a ganhar força na estrutura da sentença.

Para o autor, a sobrevivência do clítico acusativo no PB está ligada à escolarização, sendo o pronome mais comum à escrita do que à fala não monitorada. Esse fato deve-se à direção de cliticização no PB que é proclítica, movimentando-se da esquerda para a direita, como em: “Já te vi”, “Me faz um favor”, “Vou te contar”. Tal característica da língua do Brasil permite iniciar a sentença com clíticos, o que não

acontece no Português Europeu. Para construir uma sentença em que o clítico esteja enclítico, a criança brasileira teria que reordenar as estruturas da sentença, saindo de sua zona de conforto, aquela mais natural a sua fala. Sendo assim, Castilho afirma, citando Nunes (1993, p. 213 apud Castilho 2010), que as crianças brasileiras optaram por “adquirir uma gramática sem clíticos acusativos de terceira pessoa” e só os conhecem através da força normativa da escola guiada pelos livros didáticos que, por sua vez, são formulados com base nas gramáticas normativas tradicionais.

3 VARIAÇÃO DO CLÍTICO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA: VISÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA

Essa seção propõe-se a apresentar sucintamente estudos realizados sobre a temática do objeto direto anafórico. Trazemos aqui, além do estudo pioneiro de Nelize Omena (1978), também uma revisão dos trabalhos de Maria Eugênia Duarte (1986), Elizabeth Malvar (1992) e Niguelme Arruda (2006) destacando os principais pontos e resultados abordados pelos autores.

3.1 Nelize Omena (1978)

Em estudo pioneiro sobre a temática, Omena (1978) expôs que o sintagma nominal que se apresenta após o verbo e exerce função de objeto direto pode ter sua posição preenchida por um pronome do caso reto ou oblíquo em função dêitica ou anafórica, ou ainda ser simplesmente apagado. Em registros do Português Arcaico já se pode encontrar o uso do pronome lexical em função acusativa, assim como na Literatura Brasileira anterior ao Modernismo já se viam casos desse uso quando o autor desejava retratar a sintaxe popular do personagem. Omena (1978, p. 6) afirma que nem a escola nem os autores literários do Brasil têm conseguido que a massa se familiarize com certas formas pronominais, derradeiros vestígios das declinações latinas, embora a gramática normativa insista em considerar como adequado apenas o uso da forma pronominal do caso oblíquo como objeto.

A pesquisa sociolinguística de Omena é realizada em dois momentos. Primeiramente, a linguista desenvolve um estudo preliminar com um jovem de 19 anos, residente no Triângulo Mineiro. Na análise dos dados foram encontradas 67 ocorrências de objeto direto em cadeia anafórica, dessas, 3 ocorrências foram de clítico, 13 de pronome lexical e 51 de cancelamento.

Apesar do pequeno número de dados, a pesquisadora pôde concluir, através da análise estatística, que as seguintes variáveis favoreciam a regra de cancelamento do objeto direto anafórico: 1) a referência a um ser [-animado], 2) a referência a um antecedente que exerce a função de complemento, 3) a menor complexidade sintática, isto é, contextos em que o item apagado exerce apenas uma função dentro da oração, e 4) a menor distância entre o antecedente e a retomada.

Com os resultados preliminares, Omena segue para a realização da pesquisa com uma amostra maior. O *corpus* desse estudo é formado por entrevistas de quatro falantes não escolarizados, todos moradores do Rio de Janeiro e com faixas etárias distintas. As hipóteses levantadas eram 1) que o falante não-escolarizado desconheceria o emprego do pronome oblíquo e, por isso, utilizaria utilizando o pronome reto ou o cancelaria, e 2) que esse uso estaria condicionado por fatores linguísticos.

Dos 1415 dados obtidos, 76% eram de aplicação da regra de cancelamento e 24% do uso do pronome lexical. Não houve nenhuma ocorrência do clítico acusativo de terceira pessoa. É importante destacar que o trabalho não contemplou a retomada com SNs anafóricos. Os condicionamentos linguísticos para a regra de cancelamento do pronome-objeto encontrados foram, mais uma vez, o traço semântico [-animado] do antecedente, o antecedente exercendo a função sintática de complemento e a menor complexidade sintática da sentença. Diferentemente do primeiro estudo, a presença de mais de um candidato ao papel de antecedente também favoreceu o apagamento.

Os resultados de obtidos por Omena apontaram, portanto, que o apagamento do objeto direto anafórico condiciona-se, particularmente, ao traço semântico, à função sintática do antecedente e ao fato de o item apagado exercer apenas uma função dentro da sentença. Não foi considerado o encaixamento social da variável.

3.2 Maria Eugênia Duarte (1986)

Em sua dissertação *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil*, Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1986, p. 1) afirma que a fala brasileira possui uma nítida preferência pela forma tônica dos pronomes em detrimento à forma clítica, sendo comum o clítico acusativo de terceira pessoa ser substituído por um sintagma nominal, um pronome lexical ou mesmo por uma categoria vazia.

A esse respeito, a autora aponta que a ocorrência de uma categoria vazia em posição de objeto direto co-referencial com um SN mencionado no discurso parece distanciar o português do Brasil de suas línguas irmãs, já que tal fenômeno não é observado em outras línguas românicas.

A fim de investigar esse comportamento linguístico, Duarte coletou dados de fala de entrevistas labovianas de 45 informantes paulistanos divididos por escolaridade (1º, 2º e 3º graus) e faixa etária (22 a 33 anos, 34 a 45 anos, acima de 45 anos), além de 5 informantes com idade entre 15 e 17 anos que estavam cursando a 8ª série do ensino fundamental, mais 4 horas de gravação de telenovelas e 4 horas de gravação de entrevistas televisivas para formar os *corpora* de sua pesquisa.

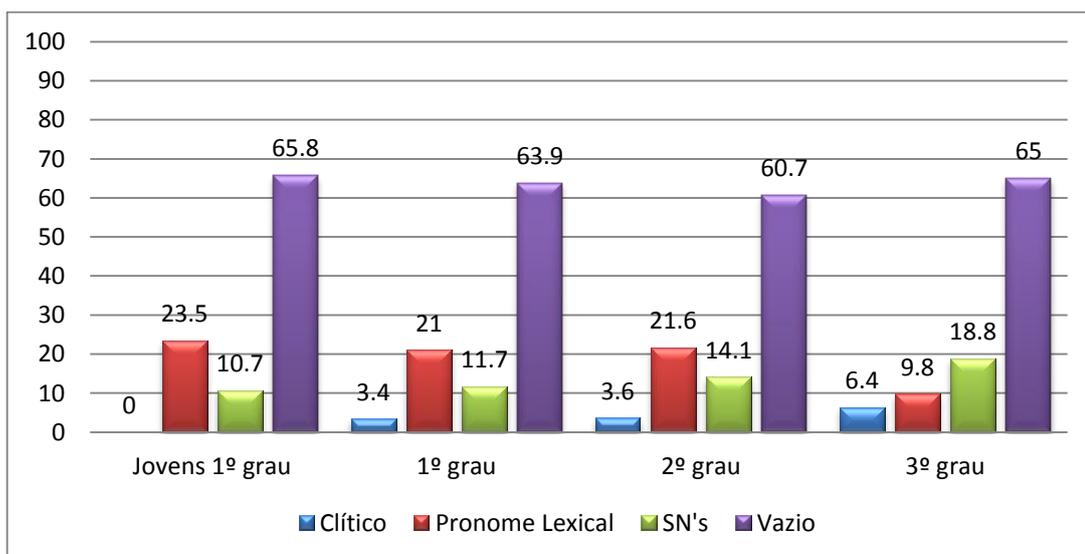
Uma das hipóteses levantadas foi a de que o uso do clítico acusativo no PB seria resultante do ensino formal e do hábito de leitura e escrita e que a faixa etária e o nível de escolaridade mais altos favoreceriam o uso do clítico e da categoria vazia, por não serem essas variantes socialmente estigmatizadas. Por outro lado, a faixa etária e o nível de escolaridade mais baixos propiciariam o uso do pronome lexical, variante não-padrão. (DUARTE, 1986, p.12)

Na análise dos dados de fala, da novela e da entrevista foram encontradas 4,9% de ocorrências do clítico, 15,4% do pronome lexical, 62,6% de SN apagados e 17,1% de variantes com SN preenchido. Quanto ao condicionamento linguístico do fenômeno, os dados estatísticos revelaram que a não realização fonológica do objeto direto anafórico, isto é, a categoria vazia ou objeto nulo, é altamente condicionada pelo traço semântico [-animado] do antecedente e pela estrutura simples da sentença. Por outro turno, o traço [+ animado] favorece o preenchimento do objeto, principalmente por um pronome lexical, bem como estruturas complexas,

em que o objeto funciona também como sujeito da oração encaixada. Os SNs anafóricos partilham dos mesmos condicionamentos da categoria vazia. O clítico acusativo não foi analisado estatisticamente por apresentar um número muito reduzido de dados.

Em relação ao encaixamento social da variável, os dados revelaram que, embora o uso do clítico seja muito baixo em todos os níveis de escolaridade, ele cresce proporcionalmente à escolaridade dos informantes, enquanto o uso do pronome lexical decresce, reflexo da valorização daquele e desvalorização deste pelo ambiente escolar. A utilização da categoria vazia é alta em todos os grupos, principalmente nos falantes de nível universitário. O que chama muito a atenção com respeito à variável escolaridade é que os SNs anafóricos são menos frequentes que o pronome lexical entre os falantes de 1º e 2º graus. Já nos dados do ensino superior o cenário se inverte e os SNs passam a ser mais utilizados, como observado no gráfico que se segue adaptado de Duarte (1986, p. 39). Concorre para essa situação o fato de essa categoria não ser estigmatizada e estar ao lado do objeto nulo como estratégia de escape à variante estigmatizada.

Gráfico1: Frequência relativa de uso das quatro variantes segundo a escolaridade dos falantes.
Dados da pesquisa de Duarte (1986)



Fonte: Adaptado de Duarte (1986, p. 39)

Os dados de Duarte ainda mostram que em todas as faixas etárias o objeto nulo é a estratégia mais utilizada pelos entrevistados, seguido dos SNs anafóricos. Quanto ao pronome lexical, de modo análogo à escolaridade, decresce à medida que aumenta a faixa de idade dos informantes. Não há ocorrências do clítico na fala dos mais jovens (15 a 17 anos).

Interessada em perceber como se estruturaria a variação do objeto retomado na fala da mídia, Duarte contrastou a fala natural com a fala das novelas e de entrevistas televisivas. O que se percebeu foi a semelhança entre a fala natural e a das novelas, já que as duas modalidades apresentaram baixo índice de clíticos, uso moderado de pronomes lexicais e SNs e elevado uso da categoria vazia. Os resultados apontam para uma conclusão que já se deduzia: devido ao seu público alvo, o texto das novelas busca reproduzir a fala popular.

Por outro lado, esperava-se que a fala das entrevistas televisivas privilegiasse o clítico, pois elas são dirigidas a um público mais restrito, mais elitizado e deveriam possuir, portanto, uma fala mais planejada. Contudo, a hipótese não se confirmou: o clítico não é privilegiado também nesse gênero. No entanto, devido à maior formalidade da entrevista, evitou-se o pronome lexical, variante mais estigmatizada.

Com esse panorama, a autora concluiu que o que diferencia os dois estilos midiáticos não é a presença maior ou menor do clítico e, sim, a ausência ou a presença do pronome lexical. As outras duas variantes, o sintagma nominal preenchido e o apagado, são em ambos os casos saídas para se evitar a variante em desuso, o clítico, e a variante estigmatizada, o pronome lexical.

3.3 Elizabeth Malvar (1992)

A pesquisa de Elizabeth Malvar (1992) contou com um *corpus* formado por 6 entrevistas de analfabetos adultos rurbanos⁵ moradores de Brasília (DF), 12 entrevistas de meninos de rua moradores de Goiânia (GO) e 24 entrevistas com

⁵ Falantes denominados rurbanos são aqueles originários da área rural e instalados já adultos em área urbana.

moradores de Brasília (DF), distribuídos em 3 grupos de acordo com a escolaridade (até a 4ª série, até 8ª série, universitários), totalizando 42 entrevistas.

Em seus resultados, constatou-se, mais uma vez, um baixíssimo índice de clíticos acusativos na fala, aqui apenas 1% das 1173 ocorrências da variável nas entrevistas. O pronome lexical representou 25% dos casos, o SN pleno 28% e a categoria vazia 46%.

A autora concluiu que o clítico acusativo é praticamente nulo na fala dos informantes, sendo sua permanência no português imposta pela escrita e ensinamentos escolares. A variante pronome lexical é socialmente estigmatizada, seu uso é desfavorecido pelos informantes mais escolarizados, porém, mantém-se na língua por ter um encaixamento linguístico muito forte. Favorecem essa variante as estruturas sintáticas complexas, narrativas, cadeias anafóricas mistas e, principalmente, o traço [+animado] do antecedente e a função tópico do antecedente. Ao contrário, a categoria vazia, variante não-padrão e não-estigmatizada, é favorecida pelo traço [-animado] do antecedente, por estruturas simples, entrevistas, cadeias anafóricas puras⁶.

É perceptível, portanto, que as variantes da variável apresentam condicionamento linguístico e social específicos, estando bem estruturadas no PB.

3.4 Niguelme Arruda (2006)

O trabalho de Niguelme Arruda (2006) verifica na variedade culta do PB a realização do objeto direto nas três pessoas gramaticais, as quais o autor analisa da seguinte maneira: 1ª e 2ª pessoas, 3ª pessoa. Pelos objetivos de nossa pesquisa nos atentaremos apenas aos resultados para a terceira pessoa.

O autor desenvolve uma pesquisa de caráter descritivo-analítico observando em cinco capitais brasileiras se há diferenças geográficas para a realização do objeto direto. A amostra utilizada na pesquisa é do projeto NURC (Norma Urbana Culta),

⁶ A cadeia anafórica pura caracteriza-se por “ser o objeto direto anafórico de 3ª pessoa, anterior ao objeto direto em análise, um objeto direto anafórico da mesma cadeia, ou seja, um elemento de igual antecedente.” (MALVAR, 1992, p. 91)

que é constituído por entrevistas gravadas na década de 1970 com falantes cultos de cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife. O *corpus* é formado por seis entrevistas de cada capital, divididas em gênero/sexo e nas três faixas etárias do projeto (25 a 34 anos, 35 a 56 anos, mais de 56 anos).

As variantes consideradas são o clítico acusativo, o pronome lexical, pronome demonstrativo, sintagma nominal e o objeto nulo. O autor analisa separadamente casos em que o antecedente é oracional e casos com antecedente sintagmático. Respeitando os nossos interesses, o quadro abaixo mostra as frequência relativas gerais de uso para cada variante em cada capital estudada considerando apenas ocorrências com antecedente sintagmático.

Tabela 4: Frequência relativa das variantes com antecedente sintagmático nas cinco capitais analisadas. Dados da pesquisa de Arruda (2006)

	SP		RJ		Porto Alegre		Salvador		Recife		Total
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	N
Clítico	1,75	5	4,5	18	4,0	10	3,5	8	7,0	21	62
Lexical	0	0	1,0	5	2,5	6	1,0	3	3,5	10	24
Demons.	1,5	4	4,0	17	4,0	9	3,5	8	4,0	13	51
SN	39,75	106	30,5	124	37,5	88	40,0	101	33,5	103	522
Obj. Nulo	57,0	152	60,0	244	52,0	122	52,0	132	52,0	161	811
Total	100	267	100	408	100	235	100	252	100	308	1470

Fonte: Adaptado de Niquelme Arruda (2006, p. 108)

Com relação às variáveis linguísticas e extra-linguísticas, Arruda conclui que a baixa frequência relativa do clítico acusativo, mesmo em entrevistas de falantes com nível superior, demonstra que essa forma está sendo extinta do PB em se tratando do processo de aquisição natural da língua. Ainda assim, devido ao alto grau de instrução dos entrevistados, a frequência relativa dessa variante é maior que a do pronome lexical. O pronome demonstrativo mostrou-se pouco produtivo com antecedente sintagmático.

O objeto nulo é a variante mais utilizada em todas as capitais, seguida pelo SN, que possui em média 35% das ocorrências. Com relação aos contextos linguístico e social que regem a variação do objeto direto, o linguista observou que o traço [-animado] do antecedente favorece a realização da expressão nula do objeto e constituiu-se como contexto que bloqueia a sua lexicalização. Por outro lado, o traço [+animado] é favorável ao preenchimento, principalmente com o pronome lexical e clítico. Somente a cidade de São Paulo foge a essa regra. Nos dados da capital, a frequência relativa de objeto nulo com antecedente [+animado] foi superior aos casos com antecedente [-animado]. Segundo o linguista, esse resultado indica que a realização do objeto direto por meio de um objeto nulo encontra-se implementada na língua, de tal forma que o traço semântico do antecedente não mais interfere em sua escolha por parte dos falantes.

Dentre as variáveis linguísticas, a topicalização do antecedente foi a mais favorável à realização nula do objeto direto, de modo que, não estando topicalizado o antecedente, a opção pelo preenchimento ou não do objeto é indiferente.

Nas variáveis sociais a faixa etária revelou equilíbrio com relação ao uso do objeto nulo, o que levou Arruda (2006, p. 151-152) a compreender que a implementação dessa variante independe da faixa etária do falante. No entanto, a faixa etária mostrou-se significativa para o pronome lexical e clítico na variedade porto alegreense. Entre os mais jovens há um maior índice no uso de pronome lexical e menor no uso de pronome clítico, sendo esse quadro invertido em relação à fala dos mais velhos. O mesmo comportamento não ocorre nas outras variedades linguísticas de São Paulo, Rio de Janeiro Salvador e Recife.

Com base nos dados apresentados e nas comparações dos seus resultados com o de outros autores, Arruda conclui que há uma aproximação entre a fala de informantes cultos e dos menos escolarizados em relação ao objeto nulo e que não há grandes discrepâncias entre as variedades linguísticas pesquisadas.

4 CONCLUSÃO

Como visto até aqui, a Gramática Tradicional tenta construir um conceito do bom uso da língua, taxando como erradas formas linguísticas que fogem às regras da

norma culta. Contudo, as diversas pesquisas linguísticas revisadas nesse estudo comprovam o dinamismo das línguas e como o fenômeno variável por nós analisado apresenta condicionamentos linguísticos e sociais fortes para ocorrer, de modo que não são as variantes dessa variável desvios da norma e, sim, formas distintas de se dizer uma mesma coisa, formas estas que convivem no PB, cada uma em seu contexto mais específico de realização.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os trabalhos que se destinam a tratar a temática do objeto direto anafórico, alguns deles revisados nessa pesquisa. Nesse aspecto, poder-se-ia pensar não ser relevante a realização de mais uma pesquisa a respeito do tema. Entretanto, a fim de contribuir para mais uma amostragem representativa da língua falada no Brasil, empregamos esforços para analisar essa variação na fala de Vitória/ES.

Desejamos investigar se a fala de Vitória se alinha às demais cidades do país já pesquisadas e, compreender os condicionamentos linguísticos e sociais para a realização das variantes, focalizando principalmente o comportamento dos SNs e categoria vazia que vêm ganhando cada vez mais espaço na fala.

2 AVALIAÇÃO DOS DADOS A SEREM ANALISADOS

Para desenvolver o trabalho proposto, antes de definirmos o envelope da variação, foi necessário refletir a respeito de quais dados comporiam nossa análise e quais não se enquadravam no quadro da variação e deveriam, por isso, ser excluídos das análises estatísticas dos dados.

Foram computadas apenas ocorrências de objeto direto com antecedente já mencionado no discurso que pudessem ser substituídas por um clítico acusativo, como nos exemplos (9) e (10).

(9) “tem um ano que os exames tão lá eu não levei pro médico ver!... só isso eu f/quando eu tou em crise eu vou no médico e tomo remédio.. e faço exame e nunca volto pra mostrá-**los**...”

(F, U, 15 a 25 anos)

(10) “tá botando o menino na ... na creche porque tem que trabalhar não porque ela gostaria de colocar [0]...”

(F, U, 15 a 25 anos)

Os seguintes casos foram retirados da análise por, ou serem categóricos ou por não serem considerados casos de variação do objeto direto anafórico:

a) Dados que apareciam nas situações em que o falante respondia a uma pergunta direta do entrevistador ou repetia o que ele acabava de proferir.

(11) “E2 - você daria força para eles continuarem estudan::do

I - **Daria [0]**”

(F, EF, 7 a 14 anos)

b) Dados com repetição de fala do entrevistado: nesses casos apenas uma ocorrência foi analisada.

(12) “a pessoa compra [o biscoito] pra pessoa ir embora logo {{risos}} então tá bom eu **vou comprar [0]** eu **vou comprar [0]** ”

(F, EF, 7 a 14 anos)

c) Ocorrências com verbos transitivos diretos usados intransitivamente.

(13) “tem uma... uma área de beisebol ... num sei quem joga [0]”

(F, EF, 7 a 14 anos)

d) Cancelamento do pronome oblíquo *o* quando pudesse ser substituído por *isso*, *tal coisa*, referindo-se a uma frase inteira ou parte dela;

(14) “o pai... estuprou fi::lha... o pai que **fez isso...**”

(F, EF, 15 a 25 anos)

e) Quando o verbo *ter* apresentasse sentido de *existir*, *acontecer* ou *haver*.

(15) “E2 – você concorreu com muitas meInas?

I – não... ti/ tinha um tinha assim... **tinha muitas meninas...**”

(F, EF, 7 a 14 anos)

f) Casos em que o objeto forma com o verbo uma expressão cristalizada como *ter medo*, *dar aula* etc por serem categóricos, isto é, não apresentarem variação.

(16) “os professores... que dava aula que dava aula que **dava aula** pra gente”

(F, EF, 25 a 49 anos)

g) Dados em que o pronome aparecia acompanhado de determinante como *tudo*, *nada*.

(17) “aí eu falei assim então cadê as frutas? ela falou “acabou”... então por acabou?... “não sei”... porque eu **comi tu::do**”

(F, EF, 15 a 25 anos)

3 O ENVELOPE DA VARIAÇÃO

Retirados os casos acima mencionados, foram computadas todas as ocorrências do objeto direto anafórico nas 46 entrevistas, as quais se apresentam na forma das seguintes variantes:

i. Clítico acusativo

(18) “ele produz muito pouco o hormônio de crescimento [...] mas eu consegui colocá-**lo** dentro do governo... dentro do programa do governo”

(F,U, 26 a 49 anos)

ii. Pronome nominativo em função de acusativo - pronome lexical

(19) “se o Lula entrar eu não acredito... mas... o empresariado teme **ele**.”

(M, U, 26 a 49 anos)

iii. Sintagma Nominal Anafórico(SN) idêntico

(20) “ela pegou minha caneta acabou de estragar **minha caneta**...”

(F, EF, 7 a 14 anos)

iv. Sintagma Nominal parcialmente modificado

(21) “tem um odor que quando você chega na enfermaria que vo-cê sente **esse odor**”

(F, EM, mais de 50 anos)

v. Sintagma Nominal totalmente modificado

(22) “Ele teve uma menininha [...] ele vai todo tempo ver **a filha dele**”

(F, U, mais de 50 anos)

vi. Pronome demonstrativo

(23) “usuário de droga... ele mesmo tem que procurar... a aa... esquecer **aqui::lo**”

(M, EF, 26 a 49 anos)

vii. Categoria Vazia

(24) “ela fez um de né? filtro solar pra mim e eu tomo banho de tarde eu uso **[0]** quando eu saio”

(F, EF, mais de 49 anos)

4 HIPÓTESES

Considerando os resultados de trabalhos sobre a temática (DUARTE, 1986; OMENA, 1978; MALVAR, 1992; SCHWENTER e SILVA, 2010; NIGUELME, 2006), alguns deles já discutidos no capítulo II, levantamos as seguintes hipóteses a respeito dos condicionamentos linguísticos e sociais que participam da variação do objeto direto anafórico:

(a) Como apontado no trabalho pioneiro de Omena (1978) e corroborado por estudos que se sucederam a esse, o clítico acusativo de terceira pessoa está em vias de desaparecimento na língua oral. Também na fala de Vitória/ES, o clítico deve apresentar baixíssimo índice e concentrar-se em contextos bastante específicos, por exemplo, após verbos que estejam na forma infinitiva.

(b) A categoria vazia é a forma preferida para a substituição do clítico, principalmente em estruturas sintáticas mais simples e com antecedentes que

possuam o traço [-animado], conforme apontado por Omena (1978), Duarte (1986) e Malvar (1992).

(c) Os SNs anafóricos apresentam alto índice de uso e concorrem com a categoria vazia nos contextos linguísticos que lhes são favoráveis: como retomada de antecedente que apresenta os traços [- animado] e [-humano].

(d) A frequência relativa de uso do pronome lexical não é alta, contudo, essa variante possui forte encaixamento linguístico: traço [+ animado] do antecedente e estruturas sintáticas mais complexas, conforme demonstrado por Omena (1978), Duarte (1986), Malvar (1992) e Schwenter e Silva (2010).

(e) Os estudos de Duarte (1986) e Malvar (1992) demonstram que quanto maior a escolaridade do falante menor será o uso do pronome lexical, categoria socialmente estigmatizada. A categoria vazia é a variante mais utilizada qualquer que seja a escolaridade do falante, no entanto, os universitários favorecem mais o uso do SN. Duarte também concluiu que a menor faixa etária favorece o pronome lexical, enquanto a maior faixa é o ambiente do SN.

Nossa hipótese para as variáveis segue os resultados apontados pelas autoras: o crescimento da faixa etária e do grau de escolaridade do falante fará decrescer o uso do pronome lexical e aumentar o de SNs e da categoria vazia. Assim, os universitários e as maiores faixas etárias (26 a 49 anos e mais de 50 anos) favorecerão o SN anafórico e a categoria vazia e desfavorecerão o pronome lexical; por outro lado o ensino fundamental e a menor faixa etária (7 a 14 anos) apresentar-se-ão como o ambiente favorecedor do pronome lexical e desfavorecedor das outras duas formas em variação.

(f) Os resultados de Duarte e Malvar não apontam a variável gênero como relevante para a variação do objeto direto anafórico, no entanto, decidimos testar essa variável por considerar que o gênero feminino, mais sensível às formas de prestígio, tende a evitar o uso da categoria pronome lexical, que é socialmente estigmatizado, e favorecer o vazio e os SNs anafóricos, enquanto o gênero/sexo masculino favorecerá o pronome lexical e desfavorecerá as outras duas formas.

(g) Conforme testado por Malvar (1992), o paralelismo morfológico atua sobre as variantes de modo que os antecedentes pronominais favoreçam a retomada com

pronome lexical, antecedentes sintagmáticos favorecem a retomada pelo SN e antecedentes vazios favorecem a categoria vazia. Esperamos que o comportamento dos nossos dados assemelhe-se a esses.

(h) A distância entre o antecedente e sua anáfora não é um fator que demonstra significância estatística para a variação do objeto direto anafórico nos dados de Omena (1978). Contudo, acreditamos que a maior distância entre o antecedente e a sua retomada torna necessário o uso de variantes lexicalizadas para que não haja prejuízo da comunicação. Por esse motivo decidimos testar a variável.

(i) Os dados apresentados por Duarte (1986) apontam que as formas verbais possuem influência sobre a escolha das variantes. Segundo os resultados da autora, verbos no gerúndio e em tempos simples favorecem o pronome lexical enquanto o imperativo favorece a categoria vazia. Codificamos também a variável crendo que nossos dados confirmarão aqueles de Duarte.

(j) Seguindo os resultados apresentado por Schwenter e Silva (2010), esperamos que antecedentes no singular contável favoreçam o pronome lexical, mas antecedentes que sejam nomes no singular não contável (como grãos, líquidos e nomes de instituições, por exemplo) favoreçam a anáfora por um SN, enquanto antecedentes plurais irão apresentar-se como o ambiente favorável à categoria vazia.

(k) Testado por Schwenter e Silva (2010), o traço [+/- específico] do antecedente nos parece um fator importante para a escolha das variantes. A hipótese para a variável é de que o traço [+específico] deve favorecer o pronome lexical enquanto o traço [-específico] será o ambiente favorecedor da categoria vazia.

(l) Baseando-nos nos dados de Niguelme Arruda (2006), acreditamos que a função tópico do antecedente será um contexto favorável à categoria vazia devido à natureza desse fator que o constitui como referência para o que vai ser dito à frente na sentença e, por isso, não necessita de um mediador que o acesse no discurso. Também a função objeto favorecerá a categoria vazia devido ao paralelismo de função, conforme constatado por Omena (1978).

5 VARIÁVEIS ANALISADAS

As variáveis testadas a fim de confirmar as hipóteses levantadas encontram-se discriminadas nos itens abaixo:

5.1 Variáveis Sociais

As variáveis sociais consideradas são aquelas que constituem a amostra PortVix: gênero/sexo dos falantes (masculino e feminino), três níveis de escolarização (ensino fundamental, ensino médio, universitários) e quatro faixas etárias (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, mais de 50 anos).

Duarte (1978) e Malvar (1992) apontam que a escolaridade é um fator importante na escolha das variantes linguísticas, de modo que o aumento da escolaridade dos falantes diminui o uso da categoria estigmatizada. Também a faixa etária maior tende a desfavorecer o pronome lexical. No entanto, para os dois trabalhos, o gênero/sexo dos falantes não demonstra grande influência no processo de variação.

Esperamos encontrar em nossos dados resultados que confirmem aqueles de Duarte e Malvar quanto à faixa etária e escolaridade. Por outro lado, com relação à variável gênero/sexo a hipótese que desejamos confirmar é de que o gênero feminino favorece as formas não-estigmatizadas, uma vez que, segundo Labov (2010, p.267), as mulheres buscam utilizar as formas socialmente prestigiadas.

5.2 Variáveis linguísticas

Variáveis morfológicas:

Foram analisadas as variáveis morfológicas: formas verbais, categoria morfológica, número do antecedente.

a) Formas Verbais

Duarte (1986) testou a variável forma verbal e constatou que o gerúndio e as formas simples dos verbos favorecem o pronome lexical, enquanto a categoria vazia é

amplamente utilizada com todas as formas verbais, destacando-se quando objeto de um verbo no imperativo.

Considerando os resultados de Duarte, dividimos nossa variável em: tempos simples, tempos compostos, locuções verbais (com verbos no gerúndio e infinitivo), gerúndio, infinitivo, imperativo.

Exemplos:

Tempo Simples

(25) “o banheiro dos meninos tava lotado né?... os meninos... eu **derrubei os meninos**”

(F, EF, 7 a 14 anos)

Tempo Composto

(26) “fui ver o que tinha acontecido com o meu dedo...aí tirei... aí **tinha quebrado [0]**”

(F, EF, 7 a 14 anos)

Locução verbal

Com Gerúndio:

(27) “se você for estragar outra caneta eu te pego... aí ela **ficou passando [0]** na perna”

(F, EF, 7 a 14 anos)

Com infinitivo:

(28) “um paciente acamado em duas enfermeira uma fica do lado de lá outra fica do lado de cá mas na hora que você **vai puxar o paciente** pro seu lado...”

(F, EM, mais de 49 anos)

Gerúndio

(29) “pegaram ele com dro::gas... saiu até no jorna::l... isso... é:: pega é:: a polícia né? subiu lá em ci::ma... de manhã [...] aí desceu::... a polícia **carregando meu irmão**...”

(F, EM, 15 a 25 anos)

Infinitivo

(30) “uma senhora, eles percorreram todos, até particular, todos os hospitais, e não tinha vaga na UTI, pra **colocar a mulher**”

(F, U, mais de 49 anos)

Imperativo

(31) “você não quer ter o filho... pô... põe ele no mundo e... põe num:.... **dê [0]** pra alguém criar”

(F, EM, 15 a 25 anos)

b) Categoria morfológica do antecedente

Essa variável mostrou-se de extrema importância para o estudo de Malvar (1992), de modo que decidimos testá-la também nos dados de Vitória. Em nossa pesquisa a variável categoria morfológica foi dividida em: retomada de um antecedente substantivo, retomada de um pronome e retomada de uma categoria vazia.

Acreditamos que o paralelismo linguístico será bastante evidente na fala dos entrevistados de modo que antecedentes sintagmáticos terão como anáfora um SN; o antecedente pronome será retomado pelo pronome lexical; antecedentes que sejam uma categoria vazia terão por anáfora, preferencialmente, outra categoria vazia.

Exemplos:

Substantivo

(32) “mãe de primeiro filho morrendo de dor e a mãe e a médica dormindo [...] aí eu ia lá correndo e chamava **a médica** ...”

(F, EM, mais de 49 anos)

Pronome

(33) “ele: arrumou outra ... enquanto ele eu não descobri ele me chi/ galinhou né?... quando eu descobri eu mando convidei **ele** pra pocar fora...”

(F, EM, mais de 49 anos)

Categoria Vazia

(34) “E1 – que então roubou [0] vai no sistema ... sai

Inf – sai ...não não é quem roubou [0] ... vai saber que o seu carro tá em tal lugar e vai a polícia e pega o cara”

(M, EM, mais de 49 anos)

c) Número do antecedente

Variável testada por Schwenter e Silva (2010) que aponta que o antecedente no singular favorece a anáfora com o pronome lexical enquanto o plural favorece a categoria vazia. A partir dos resultados dos autores resolvemos codificar a variável, porém, dividindo-a de forma distinta, considerando que o antecedente do objeto direto anafórico poderia aparecer no discurso de três formas: antecedente plural, antecedente singular contável e antecedente singular não contável.

Acreditamos que o comportamento das variantes será diferenciado de acordo com o número do antecedente. Antecedentes no plural tendem a ser mais genéricos e por isso seriam retomados por uma categoria vazia, também mais genérica. O singular não contável contrapõe-se ao plural por ser mais específico, esse fator favorecerá o pronome lexical, categoria que apresenta caráter especificador devido a sua função dêitica. O SN, variante intermediária, será favorecido por antecedentes no singular não contável, que não são tão específicos quanto o singular contável e nem tão genéricos quanto os antecedentes plurais.

Exemplos:

Singular Contável

(35) “...eu compro uma balinha pra tá pra pôr [0] na boca...”

(M, EF, 7 a 14 anos)

Singular não contável

(36) “essa água é muito poluída /ali/ aliás ali você:: aliás fomos a gente mesmo que poluímos **elas**”

(F, EF, 15 a 25 anos)

Plural

(37) “os ônibus tem o horário normal... o que pega mais aqui é no sábado eles tiram **os ônibus**”

(M, EF, mais de 49 anos)

Variáveis sintáticas

Foram analisadas as variáveis sintáticas: estrutura do sintagma verbal e função sintática do antecedente

a) Estrutura do sintagma verbal

A estrutura do sintagma verbal em que ocorre o objeto anafórico parece ser um fator importante na escolha das variantes, por isso dedicamos bastante tempo a analisar essa variável. Após muitas leituras, reflexão e avaliações de resultados, achamos por bem dividir a variável em dois blocos: estruturas simples formadas por (V+OD) ou (V+OD+OI) e estruturas complexas (V+OD+ pred OD) ou (V+OD+V), conforme fizeram também Omena (1978) e Duarte (1986).

Exemplos

Estruturas simples:

Formadas por verbo + objeto direto (V + OD) ou verbo + objeto direto + objeto indireto (V + OD + OI).

(38) “a Viviane não... foi a Sabrina também... eles fizeram uma panelinha lá... e mandaram **a Sabrina**...”

(M, EF, 7 a 14 anos)

Estruturas complexas:

Compostas por orações formadas por verbo + objeto direto+ predicativo do objeto (V+OD + pred)

(39) “a TV eu acho **ela** muito mentirosa...”

(M, EF, 15 a 25 anos)

Ou orações em que a forma anafórica é sujeito de uma oração infinitiva ou gerundiva, que funciona como complemento de verbos causativos, de permissão e sensitivos.

(40) “Se ele tá querendo trabalhar, com certeza eu vou deixar **ele** trabalhar”

(M, EF, 26 a 49 anos)

Os resultados de Omena (1978) e Duarte (1986) comprovaram que estruturas sintáticas complexas favorecem o pronome lexical, ao passo que a categoria vazia é favorecida por estruturas sintáticas simples. Esperamos que nossos dados confirmem esse comportamento.

b) Função sintática do antecedente

Galves (2001, p. 43) defende que o PB tem se constituído como uma língua com estrutura sintática topicalizada, fato que privilegia a realização do objeto direto por outras formas que não o pronome clítico, sendo a principal delas a categoria vazia. Também Omena (1978) demonstrou que em casos de antecedente objeto a anáfora é feita por meio de uma categoria vazia por força do paralelismo de função. A fim de verificar se nos dados de Vitória o fator é relevante para a variação do objeto direto anafórico, adicionamos às análises a variável função sintática do antecedente, dividindo-a em: antecedente sujeito, antecedente complemento verbal, tópico e demais funções sintáticas.

Exemplos

Sujeito

(41) “a droga é é mais alta... ele vai... sai pra rua pra usar **droga**...”

(M, EF, 26 a 49 anos)

Objeto

(42) “bota sua fé pra:: pra trabalhar bota... a **sua fé** em ação ...”

(F, EF, mais de 49 anos)

Tópico

(43) “eu enro::lo na cober::ta toda... travesse::iro... boto [0] debaixo da per::na”

(F, EF, 15 a 25 anos)

Demais funções

(44) “segurei ele com um punhal... peguei ele pelo pescoço botei **o punhal**”

(M, EF, 26 a 49 anos)

Variáveis semânticas

Como variáveis semânticas foram analisados separadamente os traços dos antecedentes [+/-animado], apontados como relevantes nos dados de Omena (1978), Duarte (1986), Malvar (1992) e Schwenter e Silva (2010), [+/-humano], também estudado por Malvar, e [+/- específico], variável abordada por Schwenter e Silva.

Os traços [+/- animado], [+/- humano] são intrínsecos aos substantivos, já o traço [+/- específico] só pode ser atribuído a uma palavra levando-se em conta a estrutura sintática da oração em que ela se encontra. São os determinantes que irão apontar se o antecedente é mais ou menos específico, como pode ser visto nos exemplos 46 a 49:

(45) Minha casa é bonita.

(46) Aquela casa é bonita.

(47) Quero uma casa bonita.

(48) Todas as casas são bonitas.

Os exemplos 45 e 46 o item *casa* apresenta traço semântico [+específico] atribuído pelos determinantes *minha* e *aquela* que apontam a qual casa o falante se refere. Isso não é observado nos outros dois exemplos. Os determinantes *uma* e *todas* generalizam, não especificam, não apontam qual casa exatamente é destacada pelo falante.

Exemplos

Animacidade:

[+animado]

(49) “pescou uns uns pei::xe lá e trouxe **[0]** pra gen::te”

(F, EF, 25 a 49 anos)

[- animado]

(50) “a pessoa lá faz uma bandeja de de salgado e põe **[0]** lá pra vender”

(M, EM, 15 a 25 anos)

Traço Humano

[+humano]

(51) “seu filho vai embora lá de casa não quero nem ver **ele** mais...”

(M, U, 26 a 49 anos)

[-humano]

(52) “ela só anda de moto desde menina nova... os pais deram **a moto** a ela...”

(F, EF, mais de 49 anos)

Especificidade

[+específico]

(53) “fui buscar m/meu filho até numa festa... aí quando cheguei dentro da igreja que tava procurando **ele**...”

(F, EF, mais de 49 anos)

[-específico]

(54) “você toma decisões importantes em relação a deter uma pessoa ou não... a conduzir **uma pessoa** pra delegacia ou não...”

(M, U, 26 a 49 anos)

Além dos fatores morfológicos, sintáticos e semânticos, consideramos também a distância entre o antecedente e a sua retomada levando em conta o número de constituintes existentes entre eles, conforme estabeleceu Omena (1978) em sua

pesquisa. O exemplo (55) demonstra como contamos os constituintes sintagmáticos das orações.

(55) “ela só anda **de moto** desde menina nova... os pais deram **a moto** a ela...”

1 2 3 4

Essa variável foi codificada da seguinte maneira: 1 a 5 constituintes, 6 a 10 constituintes, 11 a 20 constituintes, 21 a 30 constituintes e mais de 30 constituintes que separam a forma e sua retomada.

Exemplos:

1 a 5 elementos

(56) “uma vez eu tava passando **rou::pa**... tava deixando **a roupa** ali...”

1

(F, EF, mais de 49 anos)

6 a 10 elementos

(57) “recolhem **os li::xos**... e:: juntam tudo quando o caminhão pas::sa né? pegar **o**

1 2 3 4 5 6 7 8

lixo...”

(F, EM, 15 a 25 anos)

11 a 20 elementos

(58) “pegar **certas matérias** pra estudar eu não tenho saco... áí isso querendo

1 2 3 4 5 6 7 8

ou não a primeira fase não tem disso tem que saber **todas as matérias**”

9 10 11 12 13 14 15 16

(F, EM, 15 a 25 anos)

21 a 30 elementos

(59) “lendo o contrato ... tem pessoas que faz o plano de saúde com você aí você

1 2 3 4 5 6 7 8

fala assim ó isso isso e isso... a pessoa assina ali ne:m se preocupa de ler o

9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21

contrato...”

(F, EM, mais de 49 anos)

Mais de 30 elementos

(60) “as crianças elas são gêmeos ABSOLutamente desnorteados e agressivos na

1 2 3 4 5 6

escola e::: ... e::: ... estão muito chorosos coisa que eles não eram e tal então tudo

7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19

’tá muito desorganizado ... a mãe também ... ’tá tudo muito complicado ’ta tudo

20 21 22 23 24 25 26 27 28

muito novo e tal então eu faço esse atendimento voltado pra isso agora eu não

29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39

posso só atendê-los”

40 41 42

(F, U, 26 a 49 anos)

CAPÍTULO III: PRIMEIROS RESULTADOS

1 INTRODUÇÃO

Nesse capítulo serão apresentados os resultados gerais das análises realizadas a partir das hipóteses levantadas sobre a influência de cada variável na escolha das variantes pelos falantes.

Primeiramente será apresentada a frequência relativa geral de usos das variantes, comparando os resultados de Vitória com os de outras partes do país. Em seguida, as frequências relativas de atuação de cada variável sobre as variantes para que se tenha uma visão geral do fenômeno em estudo.

2 RESULTADOS GERAIS

Em consonância com os resultados de Omena (1978), Duarte (1986) e Malvar (1992) aqui já apresentados, os dados analisados reforçam o desaparecimento do clítico acusativo da fala dos brasileiros, totalizando apenas 0,5% dos casos na fala dos capixabas. Como esperado, a variante mais utilizada é a categoria vazia, forma não estigmatizada e preferida pelos falantes, com 54,2% das ocorrências, seguido dos SNs anafóricos, que juntos contabilizam 30,5% das ocorrências, pronome lexical, com 13,4% e demonstrativos 1,3% dos dados.

Tabela 5: Frequência relativa geral das variantes linguísticas na fala de Vitória. Dados PortVix

Variantes	nº de ocorrências	Percentual
Clítico Acusativo	15	0,5%
Pronome Lexical	411	13,6%
Sintagma Nominal	787	26%
SN modificado	113	3,7%
SN totalmente mod	25	0,8%
Demonstrativo	40	1,3%
Cat. Vazia	1640	54,1%
Total	3031	100%

O baixo índice de clíticos não deixa dúvidas sobre a mudança que vem ocorrendo no uso dos clíticos acusativos de terceira pessoa no PB e sua diferenciação do PE, pois não há dúvidas de que os clíticos acusativos são menos usados aqui do que nas terras de além mar. Tarallo salienta que, “com referência aos pronomes clíticos, o sistema brasileiro já não os emprega há algum tempo. Na variedade portuguesa, no entanto, são frequentes no uso e ocorrem, conforme o esperado, em posição enclítica.” (TARALLO, 1996, p. 85)

Em nossos dados contabilizamos apenas 15 ocorrências do clítico, as quais estão listadas abaixo e apresentam ambientes linguísticos bem específicos para sua ocorrência.

(61)“E1: e como cês se conheceram?

Inf:eu o conheci?”

(F, EF, 26 a 49 anos)

(62) ”existem pessoas que passam necessidades que **as** levam a fazer”

(F, U, 15 a 25 anos)

(63) “ela se suicidou depois que ela perdeu o marido [...] ele foi pra vê-**la**”

(F, EM,26 a 49 anos)

(64) “ela se suicidou depois que ela perdeu o marido [...] deram essa oportunidade a ele de vê-**la**”

(F, EM,26 a 49 anos)

(65) “faço exame e nunca volto pra mostrá-**los**”

(F, U, 15 a 25 anos)

(66)“ele produz muito pouco o hormônio de crescimento [...] eu consegui colocá-**lo** no programa do governo...”

(F, U, 26 a 49 anos)

(67) “as crianças elas são gêmeos [...] eu não posso só atendê-**los**”

(F, U, 25 a 49 anos)

(68) “as crianças [...] a gente vai trabalhando algumas tarefas que possam possibilitá-**los** ... a entender que apesar do pai e a mãe terem se separado eles continuam tendo pai continuam tendo mãe”

(F, U, 25 a 49 anos)

(69) “pra montar a sua bicicleta... pra você conhecê-**la**...”

(M, EF, 15 a 25 anos)

(70) “pra ver os esportes ou... então, pra praticá-**los**...”

(M, EF, 15 a 25 anos)

(71) “E1: você acha que você trataria ele como uma pessoa normal ou você:: ... trataria ele de uma forma diferente?

Inf: eu faria o possível ...pra tratá-**lo** normal”

(M, EM, 15 a 25 anos)

(72) “já não uso mais celular tem dois anos [...] então é melhor cê não tê-**lo**”

(M, EM, mais de 50 anos)

(73) “tinha tanto vagabundo assim? prendia muito né? agora onde vai colocá-**los**”

(M, EM, mais de 50 anos)

(74) “um mendigo na rua.... A gente poderia conduzi-**lo**”

(M, U, 26 a 49 anos)

(75) “é aquele elevadorzinho que leva o pessoal lá em cima por exemplo ... pra chegar até o vão central ... terceira ponte ... né ... tem que alguma coisa levá-**los** até lá em cima”

(H, EM, 26 a 49 anos)

A discussão a respeito dos ambientes linguísticos em que ainda há ocorrência de clíticos será feita em todo esse capítulo, mas vale a pena observar que dos 15 casos, 13 são de verbos em sua forma infinitiva seguido do clítico realizado como *lo*

e *la*. Parece que a essa forma foi destinado o papel de manter vivo o clítico na língua falada.

Observa-se, também, que não há casos de clítico acusativo na fala de crianças, 7 a 14 anos. Uma vez que o clítico acusativo parece não ser natural à fala dos brasileiros e sim uma forma aprendida pelo ensino formal, a ausência do clítico na fala dos mais novos pode ser explicada pela pouca influência da escolarização sobre esses informantes. Assim, apenas 20% das ocorrências da variante, 3 casos, são de falantes com ensino fundamental, 40% de falantes que possuem o ensino médio e 40% de universitários.

Para efeito de controle dos dados, pensando nas diferenciações entre os tipos de SNs anafóricos, a codificação foi feita separadamente. Porém, estatisticamente, não há grandes discrepâncias quanto ao comportamento de cada tipo de SN, por isso eles foram amalgamados de forma que os dados apresentados daqui para frente computarão todos os tipos de SNs conjuntamente.

2.1 Quadro Comparativo

Contrastamos nossos resultados com pesquisas de outras seis capitais buscando perceber até que ponto os dados de Vitória estão alinhados ou não a outras partes do país. Descreveremos adiante como foi constituída cada amostra aqui utilizada. Há muitas particularidades entre elas, mas todas têm em comum serem compostas por entrevistas tipicamente labovianas.

Os dados do Rio de Janeiro, provenientes da pesquisa de Schwenter e Silva (2010), foram retirados do *corpus* do PEUL (Projeto de Estudos sobre o uso da Língua). Para a análise o pesquisador utilizou 12 entrevistas gravadas na década de 1980 divididas por gênero/sexo relativas a falantes do menor estrato socioeconômico da amostra. Também da década de 1980 são as entrevistas utilizadas por Duarte em seu estudo a respeito da fala de São Paulo, que contou com 45 informantes paulistanos divididos por escolaridade (1º, 2º e 3º graus) e faixa etária (22 a 33 anos, 34 a 45 anos, acima de 45 anos), além de 5 informantes com idade entre 15 e 17 anos que estavam cursando a 8ª série do ensino fundamental. Os dados de João Pessoa fazem parte do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB).

As entrevistas são divididas por escolarização (não escolarizados e universitários), faixa etária (15 a 25, 26 a 49, mais de 50 anos) e gênero/sexo dos informantes.

Os dados de Salvador, Recife e Porto Alegre diferenciam-se dos demais pois advêm de entrevistas que compõe o projeto NURC (Norma Urbana Culta) realizadas durante a década de 1970 apenas com informantes que possuíam o ensino superior. Para a sua pesquisa, Niguelme Arruda dispôs de 6 entrevistas para cada capital divididas em gênero/sexo e em três faixas etárias (25 a 34, 35 a 56 e mais de 56 anos).

Além da escolarização, outro ponto que divide as pesquisas é a codificação de antecedentes oracionais. O antecedente oracional possui comportamento diferenciado do antecedente sintagmático e pode elevar o número de ocorrências da categoria vazia, por exemplo. Por isso cabe ao pesquisador decidir se levará em conta tais casos, se os estudará separadamente dos demais ou se os retirará da análise. Os dados de São Paulo (Duarte 1986) incluem esse antecedente; os de Salvador, Recife e Porto Alegre (Arruda, 2006) não o consideram, assim como a nossa pesquisa. Quanto aos dados do Rio de Janeiro e João Pessoa, não foi possível encontrar tal informação.

Tabela 6: Quadro comparativo dos dados de fala

Cidade	Clítico		Lexical		SN		Cat. Vazia	
	%	N	%	N	%	N	%	N
Vitória	0,5	15	13,7	411	30,9	925	54,8	1640
São Paulo	4,9	97	15,4	304	17,1	338	62,9	1253
Rio de Janeiro	0,3	04	12,0	151	15,4	193	72,5	909
João Pessoa	3,5	13	27,8	102	22,3	82	46,3	170
Salvador	3,3	8	1,2	3	41,4	101	54,1	132
Recife	7,1	21	3,4	10	34,9	103	54,6	161
Porto Alegre	4,4	10	2,6	6	39,0	88	54,0	122

Fonte: Vitória:Yacovenco e Berbert (2013), São Paulo: Duarte (1989), Rio de Janeiro: Schwenter e Silva (2010), João Pessoa: Hora e Baltor (2007), Salvador, Recife e Porto Alegre: Arruda (2006)

O índice da cidade de Vitória para a categoria vazia, 54,8%, assemelha-se àqueles provenientes do projeto NURC, Salvador 54,1%, Recife 54,6% e Porto Alegre 54%⁷ em que foram considerados apenas falantes universitários.

Os SNs amalgamados em nossos dados somam 30,5%, frequência relativa alta se comparada aos resultados de São Paulo (DUARTE, 1989) e Rio de Janeiro (SCHWENTER E SILVA, 2010) que trabalham com amostras da década de 1980. Os dados de João Pessoa, da década de 1990, apresentam percentual mais alto de SNs (22,3%), culminando no índice de Vitória nos anos 2000. A pergunta que se poderia fazer na comparação das pesquisas é: o SN está passando por um processo de aquisição, de aumento de uso no decorrer dos anos? Ou sua maior frequência relativa de uso está ligada ao local, à região dos falantes, à comunidade de fala? Todavia, ao serem considerados os resultados do NURC, observa-se que a porcentagem do SN é bem maior nas capitais dessa amostra do que nas demais, Recife 34,9%, Porto Alegre 39,% e Salvador 41,1%. Também aqui Vitória assemelha-se a Recife e em menor proporção a Porto Alegre, fato que nos leva a hipotetizar que a variedade capixaba, para o fenômeno do objeto direto anafórico, segue certos padrões da variedade culta.

Por outro lado, quanto ao pronome lexical os dados de Vitória (13,7%) aproximam-se de São Paulo (15,4%) e Rio de Janeiro (12%). Nos dados que contemplam apenas os universitários, devido ao grau de escolarização dos falantes, os índices dessa variante são bem inferiores aos das demais pesquisas, uma vez que essa é considerada a variante socialmente estigmatizada. João Pessoa é a cidade que mais diverge das demais, com maior uso do pronome lexical e menor uso da categoria vazia.

3 RESULTADOS PERCENTUAIS DE USO DAS VARIANTES QUANTO ÀS VARIÁVEIS

Para que se tenha uma visão do fenômeno como um todo, discutiremos a distribuição das variantes de acordo com a atuação de cada variável. No entanto, essa ainda não é a análise final sobre os fatores que favorecem ou desfavorecem a

⁷ As porcentagens apresentadas para Salvador, Recife e Porto Alegre foram adaptadas de Arruda (2006) pois a comparação proposta não considera o pronome demonstrativo e traz os diferentes casos de SN's amalgamados

variação do objeto direto anafórico na fala capixaba, e sim uma breve discussão a respeito da frequência relativa de uso das variantes em cada contexto linguístico e social observado nessa pesquisa.

Os dados estatísticos serão apresentados sempre em tabelas na seguinte sequência das variantes: clítico, pronome lexical, SNs (os três tipos amalgamados: idêntico, modificado e parcialmente modificado), categoria vazia, demonstrativos.

Escolarização

Tabela 7: frequência relativa de usos das variantes em relação à escolaridade dos falantes. Dados PortVlx

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Fundamental	3	0,2	271	17,0	479	30,0	827	51,8	18	1,1	1598	52,7
Médio	6	0,8	97	12,9	239	31,9	398	53,1	10	1,3	750	24,7
Universitário	6	0,9	43	6,3	208	30,4	415	60,7	12	1,8	684	22,6
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

A avaliação dos gramáticos tradicionais e o conhecimento do processo educacional brasileiro levam a concluir que a escola impõe aos alunos o emprego do clítico acusativo como a forma correta para ocupar a função de objeto direto. Logo, é de se supor que, com o aumento da escolaridade, aumente também o uso do pronome oblíquo. Esse comportamento foi comprovado na análise realizada. Mesmo com apenas 15 casos, o aumento da escolaridade faz aumentar o uso do clítico. Na tabela 8 do tópico que se segue pode ser observado que não há ocorrências dessa variante na primeira faixa etária (7 a 14 anos), idade em que os falantes encontram-se ainda no ensino fundamental, o que reforça a tese de que essa variante é aprendida na escola, e, conforme aponta NUNES (1996, p. 217), não é parte da gramática das crianças brasileiras. Em contrapartida, o uso do pronome lexical diminui conforme aumenta o nível de escolaridade dos falantes, por ser essa a categoria estigmatizada, principalmente em formações como “vi ela”, “amo ela”, altamente vetada pela escola que a considera erro gramatical.

A categoria vazia, frequente nos dados de todos os graus de escolaridade, tem seu maior índice entre os universitários, firmando-se como uma estratégia dos mais escolarizados para fugir ao pedantismo do clítico e da estigmatização do pronome lexical, como afirma Duarte (1989, p. 32). Quanto ao sintagma nominal, este mantém um mesmo índice de usos em todos os fatores, por volta dos 30%.

Faixa Etária

Tabela 8: Frequência relativa de usos das variantes em relação à faixa etária dos falantes. Dados PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
7 a 14	0	0	67	14,3	157	33,4	239	50,9	7	1,5	470	15,5
15 a 25	5	0,5	148	14,8	246	24,7	582	58,4	16	1,6	997	32,9
26 a 49	8	1,0	131	16,2	271	33,6	389	48,2	8	1,0	807	26,6
+ de 50	2	0,3	65	8,6	252	33,2	430	56,7	9	1,2	758	25
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

As frequências relativas da faixa etária, quanto ao clítico acusativo, demonstram que a variante é mais utilizada nas faixas etárias intermediárias e não aparece na fala dos mais novos, como já discutido anteriormente.

Esperava-se que o uso do pronome lexical diminuísse conforme houvesse aumento da faixa de idade por ser essa a variante estigmatizada, porém a frequência relativa da variante aumenta na terceira faixa (26 a 49 anos) ocupando o espaço da categoria vazia que apresenta índice de 48,2%. Também nesse fator o SN anafórico possui porcentagem média de 30% em todas as faixas etárias.

Gênero/Sexo

Observa-se na tabela 9 que as variantes clítico acusativo e pronome lexical possuem a mesma porcentagem de uso para ambos os gêneros, feminino e masculino, fato que chama a atenção já que as duas variantes são opostas, a

variante normativa e a estigmatizada e, portanto, esperava-se um comportamento diferenciado.

Por serem mais conservadoras e atentas à sua fala, a expectativa era de que os índices de uso do pronome lexical fossem mais baixos para informantes do gênero feminino e mais altos para o gênero masculino. Da mesma forma acreditávamos que as mulheres liderariam as porcentagens de SNs e categoria vazia, contudo, em relação às categorias não-estigmatizadas as mulheres ocupam a dianteira apenas quanto ao uso da categoria vazia, enquanto os homens possuem maior índice de uso do sintagma nominal.

Tabela 9: Frequência relativa de usos das variantes em relação ao gênero/sexo dos falantes. Dados PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	8	0,5	231	13,5	475	27,8	980	57,3	16	0,9	1710	56,4
Masculino	7	0,5	180	13,6	451	34,2	660	49,9	24	1,8	1322	43,6
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Formas Verbais

Constata-se, no quadro das formas verbais, que o clítico acusativo permanece vivo na língua falada como complemento de verbos no infinitivo, especializando-se em *lo(s)* e *la(s)*, casos mais comuns para a variante. Não há ocorrências do pronome clítico com verbos no gerúndio, imperativo e tempos compostos, comportamento semelhante ao do pronome demonstrativo.

O pronome lexical possui seu maior índice de uso com verbos simples, compostos e no imperativo e, ao contrário do clítico acusativo, menor índice com verbos no infinitivo. O demonstrativo distancia-se do pronome lexical nesse fator, pois não apresenta ocorrências com verbos no imperativo, tempos compostos e também no gerúndio. No entanto, seu maior índice de uso, assim como os clíticos, é também com infinitivos.

A categoria vazia aparece como variante mais usada com quase todas as formas verbais, no entanto, nos tempos compostos o vazio, com 38,5% dos dados, cede lugar ao SN que possui índice de uso de 46,2% com essa forma verbal. A menor frequência relativa dos SNs encontra-se quando objeto de um verbo no imperativo.

Tabela 10: frequência relativa de usos das variantes em relação às formas verbais. Dados PortVix

	Clítico		Lexical		SN		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Simple	2	0,1	282	15,1	550	29,4	1012	54,1	24	1,3	1870	61,7
Infinitivo	12	1,4	89	10,6	274	32,6	451	53,7	14	1,7	840	27,7
Gerúndio	0	0	14	11,8	39	32,8	66	55,5	0	0	119	3,9
Locuções	1	0,6	22	12,3	55	30,7	99	55,3	2	1,1	179	5,9
Composto	0	0	2	15,4	6	46,2	5	38,5	0	0	13	0,4
Imperativo	0	0	2	18,2	2	18,2	7	63,6	0	0	11	0,4
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Categoria Morfológica

As frequências relativas das variantes demonstram que o antecedente pronome é retomado, preferencialmente, pelo pronome lexical, o antecedente substantivo por um SN e a categoria vazia por outra categoria vazia. Dessa forma, pode-se observar claramente o paralelismo morfológico agindo sobre a escolha das variantes.

À semelhança do SN, não há retomadas com o clítico quando o antecedente é uma categoria vazia; essa variante, como observado para o pronome lexical, retoma preferencialmente antecedentes pronominais. Tal comportamento era esperado também para o demonstrativo, contudo, a variante contrapõe-se às outras duas categorias pronominais por apresentar maior índice em retomadas de um antecedente categoria vazia e não de um antecedente pronome. O demonstrativo também se afasta dos SNs na variável em questão. Primeiramente, consideramos amalgamar essas duas variantes por entendermos que o pronome demonstrativo

seria uma forma especializada do SN, seguindo os mesmos contextos de uso. No entanto, a variável aqui exposta deixa claro que há distinção entre elas e por isso não devem ser analisadas conjuntamente.

Tabela 11: frequência relativa de usos das variantes em relação à categoria morfológica do antecedente. Dados do PortVix.

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nome	10	0,4	264	9,6	911	33,2	1522	55,5	33	1,2	2740	90,4
Pronome	5	1,9	145	54,5	15	5,6	96	36,1	5	1,9	266	8,8
Cat. Vazia	0	0	2	7,7	0	0	22	84,6	2	7,7	26	0,9
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Número do antecedente

A variável número do antecedente contrapõe nitidamente clítico acusativo e pronome lexical, SN e categoria vazia. O clítico possui maior índice de uso com antecedentes plurais (1,4%) e o menor índice com nomes que estejam no singular e sejam contáveis (0,4%). O contrário acontece com o pronome lexical que tem o seu maior índice com antecedentes no singular contável (14,4%) e o menor com nomes plurais (9,1%).

Algo semelhante ocorre com os SNs com menor ocorrência retomando o plural (24,8%) e maior ocorrência quando anáforas de um antecedente no singular não contável (36,2%). Esse tipo de antecedente é o que menos possibilita a retomada por uma categoria vazia (51,7%) enquanto antecedentes plurais têm a categoria vazia como forma de anáfora em 63,6% dos dados.

Tabela 12: frequência relativa de usos das variantes em relação ao número do antecedente.

Dados PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sing. cont.	9	0,4	363	14,4	782	31,0	1332	52,9	34	1,3	2520	83,1
Sing. não cont.	1	0,7	15	10,1	54	36,2	77	51,7	2	1,3	149	4,9
Plural	5	1,4	33	9,1	90	24,8	231	63,6	4	1,1	363	12
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Estrutura do sintagma verbal

Tabela 13: frequência relativa de usos das variantes em relação à estrutura do sintagma verbal.

Dados do PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Simplex	14	0,5	364	12,6	903	31,3	1566	54,3	36	1,2	2883	95,1
Complexas	1	1,7	47	31,5	23	15,4	74	49,7	4	2,7	149	4,9
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

De acordo com as frequências relativas apresentadas na tabela de número 13, estruturas complexas, aquelas com predicativo do objeto (76) ou em que o elemento anafórico recebe caso acusativo do verbo, mas é sujeito de uma infinitiva ou de uma minioração, como no exemplo 77, privilegiam como forma anafórica os pronomes: lexical, clítico e demonstrativo.

(76) “os professores que... que dava aula que dava aula pra gente... pelo pra mim lá... eu **achava eles excelente**”

(F, EF, 25 a 49 anos)

(77) “ela tá can/ cansada... eu tento tipo... não **deixar ela fazer** coisa tipo arrumar a cozinha”

(F, EM, 15 a 25 anos)

Ao contrário, os SNs e a categoria vazia possuem maior frequência relativa com estruturas simples.

Função sintática do antecedente

Tabela 14: Frequência relativa de usos das variantes em relação à função sintática do antecedente.
Dados do PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito	4	0,7	212	37,0	97	16,9	254	44,3	6	1,0	573	18,9
Objeto	8	0,4	135	7,1	655	34,3	1093	57,2	20	1	1911	63,0
Tópico	3	1,1	33	12,3	58	21,6	168	62,5	7	2,6	269	8,9
Demais	0	0	31	11,1	116	41,6	125	44,8	7	2,5	279	9,2
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Com respeito à função do antecedente dentro da oração, não foram registradas ocorrências do clítico acusativo como anáfora de antecedentes com outras funções sintáticas a não ser sujeito, objeto e tópico. Este último, o antecedente tópico, mostrou-se o mais produtivo para o clítico acusativo (1,1%) e também para a categoria vazia, fato que chama a atenção. Segundo Galves (2001, p. 52), o antecedente tópico possibilita a ocorrência de um objeto nulo no PB porque a ligação do objeto com o tópico é direta, ele sempre é acessível no discurso e por isso não há a necessidade de um mediador entre eles, ou seja, não é necessário o uso do clítico como objeto direto para que haja compreensão ou para que a oração seja gramatical. Por esse motivo esperávamos que o tópico fosse a função que mais

possibilitasse ocorrência com a categoria vazia, fato que se concretizou, mas não imaginávamos o mesmo para o clítico acusativo.

A variante pronome lexical possui alta frequência relativa quando anáfora de um antecedente sujeito (37%) e baixa frequência relativa com antecedente objeto (7%).

Traço semântico do antecedente: [+/- humano]

Pelos percentuais observa-se que a distribuição das variantes para a animacidade e para o traço [+/-humano] do antecedente são bastante próximas. Nessa variável o pronome clítico e pronome lexical são mais usados com o traço [+humano] enquanto as demais variantes apresentam maior percentual de uso com antecedentes de traço [-humano]. Por esse motivo, decidimos dispensar uma atenção maior a essas variáveis objetivando perceber se não haveria uma sobreposição entre elas. Mais adiante é apresentado o procedimento de análise utilizado com esses fatores.

Tabela 15:Frequência relativa de uso das variantes em relação ao traço [+/- humano] do antecedente.

Dados do PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
[-humano]	4	0,2	100	4,3	800	34,4	1384	59,5	38	1,6	2326	76,7
[+humano]	11	1,6	311	44,1	126	17,8	256	36,3	2	0,3	706	23,3
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Traço semântico do antecedente: [+/- animado]

A animacidade do antecedente é um fator importantíssimo na escolha de uma ou outra variante. As variantes formadas por pronomes pessoais, clítico e pronome lexical, são mais usadas com antecedentes que apresentam o traço [+animado] e possuem baixíssimo índice com antecedentes [-animado]. A categoria vazia, SNs e

pronome demonstrativo apresentam-se com maior frequência relativa como retomada de antecedentes com traço [- animado].

Como pode ser visto ao longo dos resultados de frequência relativa das variantes, o pronome demonstrativo ora se aproxima dos SNs, ora dos pronomes, ora da categoria vazia. Por esse comportamento diverso decidimos não amalgamar essas variantes com nenhuma outra. No momento das análises de pesos relativos ela será retirada dos dados devido ao seu pequeno número de ocorrências. Retomaremos essa problemática no capítulo IV.

Tabela 16: Frequência relativa de usos das variantes em relação à animacidade do antecedente.

Dados do PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
[- animado]	4	0,2	58	2,7	750	35,5	1265	59,8	37	1,8	2114	69,7
[+ animado]	11	1,2	353	38,5	176	19,2	375	40,8	3	0,3	918	30,3
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Traço semântico do antecedente: [+/- específico]

Tabela 17: frequência relativa de usos das variantes em relação ao traço [+/- específico] do antecedente. Dados do PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
[-específico]	7	0,9	69	9,3	240	32,3	419	56,3	9	1,2	744	24,5
[+específico]	8	0,4	342	14,9	686	30,0	1221	53,4	31	1,4	2288	75,5
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

Interessante notar nessa variável que o clítico acusativo, quando o antecedente possui o traço [-específico], apresenta quase o dobro do índice de ocorrências (0,9%) encontradas com antecedente [+específico] (0,4%). Acreditávamos que essa variante seguisse o comportamento do pronome lexical, mais usado com antecedentes [+específicos], fato que não se concretizou. Para as demais variantes os percentuais de uso com um e outro traço são bem próximos.

Distância do antecedente e sua retomada

O que ocorre na variável distância é o contrário do esperado. Em maiores distâncias entre o antecedente e sua anáfora, a categoria vazia possui seu maior índice. Dessa forma, o uso da categoria parece não prejudicar a comunicação, mesmo quando se torna mais difícil resgatar seu antecedente no contexto discursivo.

O esperado para a variável era que as formas lexicalizadas possuíssem maior índice quando anáforas mais distantes do antecedente, fato que não se concretizou. Apenas a variante lexicalizada clítico acusativo é mais usada em distâncias com mais de 30 elementos, as demais apresentam maior frequência relativa de uso em distâncias intermediárias.

Tabela 18: Frequência relativa de uso das variantes em relação à distância do antecedente e da retomada. Dados do PortVix

	Clítico		Lexical		Sintagma		Cat. Vazia		Demons.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1 a 5	5	0,6	100	11,8	261	30,9	466	55,2	12	1,4	844	27,8
6 a 10	2	0,5	114	14,4	253	32,0	408	51,6	13	1,6	790	26,1
11 a 20	2	0,3	95	14,4	227	34,4	328	49,8	7	1,1	659	21,7
21 a 30	0	0	39	14,9	74	28,2	143	54,6	6	2,3	262	8,6
Mais de 30	6	1,3	63	13,2	111	23,3	295	61,8	2	0,4	477	15,7
Total	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1	40	1,3	3032	100

3 Conclusão

Nesse capítulo foram apresentados apenas os resultados das frequências relativas de uso das variantes quanto às variáveis, sem, no entanto, haver uma análise mais aprofundada dos contextos que regem a variação do objeto direto anafórico, esse tópico será visto no capítulo IV que conta com as rodadas de pesos relativos.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE MULTIVARIADA

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE MULTIVARIADA

Observadas as frequências relativas de usos das variantes em cada grupo de fatores e levantadas as hipóteses sobre quais são os condicionamentos linguísticos e sociais que atuam sobre a variação do objeto direto anafórico, foram feitas as análises com pesos relativos que possibilitaram confirmar ou refutar as hipóteses formuladas.

Empregamos como ferramenta para o processo de codificação e geração estatística dos resultados o programa GoldVarbX (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), pertencente ao pacote Varbrul. O programa computacional propicia ao linguista resultados estatísticos que o auxiliam na análise do fenômeno estudado. No entanto, apresenta algumas limitações.

Para que sejam realizadas análises de pesos relativos, é necessário que não haja “casas vazias”, ou seja, que em cada um dos fatores que compõem os grupos de fatores haja ao menos uma ocorrência de cada uma das variantes. Contudo, a amostra contém apenas 15 casos de clíticos e 40 de pronomes demonstrativos, o que leva a um grande número de fatores que não apresentam ocorrências dessas duas variantes, ou seja, muitas “casas vazias”. Por seu comportamento diferenciado, não pudemos amalgamar o pronome demonstrativo com nenhuma das outras variantes, também os clíticos não poderiam se juntar a nenhuma outra forma. Mesmo que seu comportamento se assemelhasse ao do pronome lexical em algumas variáveis, as duas formas são opostas em relação ao seu status: o clítico é a variante normativa enquanto o pronome lexical é a variante estigmatizada, condenada pela norma. Foi necessário, portanto, retirar esses dados para a projeção de pesos relativos. Além disso, o GoldVarb X realiza apenas rodadas binárias de pesos relativos. Como a variável em estudo é eneária, esse foi outro problema com o qual lidamos ao longo da pesquisa.

Para solucionar a questão da rodada binária, transformamos as três variantes em duas e fizemos três rodadas distintas: primeiro, uma rodada da categoria vazia contra o SN e o pronome lexical amalgamados; depois, o SN contra a categoria

vazia e pronome lexical, e, por último, lexical *versus* categoria vazia e SN. Dessa forma, foi possível computar os pesos relativos das variáveis que favorecem o uso de cada variante.

Após obter os resultados das rodadas binárias, utilizamos o programa computacional Varbrul (1988), que é capaz de realizar rodadas eneárias, mas, diferentemente do GoldVarb X, não proporciona ordem de seleção das variáveis que mais favorecem a cada variante. Essa análise serviu como contraprova das primeiras. Assim pudemos comparar os resultados das rodadas binárias com os da eneária para confirmar a interação entre os fatores e a escolha das variantes.

A escolha do sociolinguista em trabalhar com pesos relativos não é algo aleatório. Apenas os resultados das frequências relativas de uso das variantes não são decisivos para a análise proposta, pois proporcionam apenas um olhar geral das variantes mais e menos usadas na comunidade de fala, mas não são capazes de expor quais interações ocorrem entre as variáveis que influenciam na escolha da variante, quais os contextos que favorecem, em certa proporção, uma ou outra variante etc. Essas questões são observadas através dos resultados dos pesos relativos, e esse é o motivo que nos leva a trabalhar com eles.

Contudo, não se pode dizer que a interpretação das frequências relativas é irrelevante. A observação dessa parte estatística pode, entre outros, apontar para a existência de uma sobreposição das variáveis, de modo que a correlação entre elas seja tão forte que se torna difícil manter seus efeitos separadamente. Quando o pesquisador entende que há essa possibilidade, pode lançar mão da tabulação cruzada, procedimento estatístico que mostra em percentuais se realmente duas variáveis estão imbricadas. Foi esse o procedimento realizado com as variáveis semânticas [+/- humano], [+/- animado]. Após perceber que essas variáveis se sobrepunham, nós as juntamos em um único grupo de fatores, conforme será apresentado no decorrer desse capítulo.

Nos próximos itens, expomos a ordem de seleção das variáveis consideradas estatisticamente relevantes para a escolha de cada variante e em seguida seus resultados em pesos relativos. Alguns grupos de fatores foram selecionados para uma variante e não o foram para outras. Nesses casos, o peso relativo transcrito nas tabelas é aquele encontrado na primeira rodada do *Stepping Down* do programa

computacional e estão inscritos entre colchetes para uma melhor visualização por parte do leitor. A partir das estatísticas apresentadas e de sua compreensão será possível observar o encaixamento linguístico e social das variantes.

2 ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS

Aqui apresentamos o quadro com a ordem em que o programa GoldVarb X selecionou as variáveis como estatisticamente relevantes para a escolha de cada variante por parte dos falantes, ou seja, qual contexto linguístico e social são propícios ao uso de cada variante dentro da variação do preenchimento do objeto direto anafórico em ordem de relevância estatística.

A tabela obedece à ordem de seleção do pronome lexical, simplesmente por ser essa a primeira variante na disposição das tabelas.

Tabela 19: Ordem de seleção das variáveis independentes. Dados PortVix

	Pronome Lexical	SN Anafórico	Categoria Vazia
Variáveis Independentes			
Traço semântico [+/-humano; +/- animado]	1º fator	5º fator	1º fator
Categoria Morfológica do antecedente	2º fator	1º fator	3º fator
Especificidade do antecedente	3º fator	não selecionado	9º fator
Escolarização	4º fator	não selecionado	8º fator
Estrutura do sintagma verbal	5º fator	6º fator	não selecionado
Faixa Etária	6º fator	3º fator	4º fator
Número do antecedente	7º fator	não selecionado	2º fator
Função sintática do antecedente	8º fator	2º fator	6º fator
Distância da anáfora	não selecionado	7º fator	5º fator

Tabela 19: Ordem de seleção das variáveis independentes. Dados PortVix

Gênero/Sexo	não selecionado	4º fator	7º fator
Formas verbais	não selecionado	não selecionado	não selecionado

3 RESULTADOS DE PESOS RELATIVOS

Nessa seção será discutido o condicionamento linguístico e social das variantes nas três análises binárias de pesos relativos realizadas. As tabelas de pesos são formuladas obedecendo sempre à ordenação das variantes: pronome lexical, sintagma nominal e categoria vazia.

Apresentamos, antes dos resultados de pesos relativos, tabelas que contêm as frequências absolutas e relativas de cada variável a fim de facilitar a leitura dos resultados. Nesse momento da análise, como já foi dito anteriormente, foi necessário retirar das análises os casos de clítico acusativo e de pronome demonstrativo. Por esse motivo a frequência relativa que aparecerá juntamente com os resultados de pesos relativos será diferente daquela que consta nas tabelas do capítulo III as quais continham todas as variantes estudadas.

A disposição das variáveis selecionadas nas rodadas de peso relativo não será aquela da tabela 19, seguiremos a ordem decrescente do *range*. Primeiramente discutiremos os fatores sociais e por último os contextos linguísticos que condicionam a variação aqui estudada.

Conforme afirma Tagliamonte (2006, p. 242), o *range* (ou magnitude do efeito) pode ser entendido como a força exercida por um grupo de fatores sobre as variantes em uma análise de variação. É obtido através da diferença do maior para o menor peso relativo dentro do grupo de fatores. O *range* possibilita ao pesquisador identificar se a restrição da variável sobre a escolha da variante é mais forte (*range* maior) ou mais fraca (*range* menor):

Strength is measured by the 'range', which is then compared with the ranges of the other significant factor groups. The range is calculated by subtracting the lowest factor weight from the highest factor weight. When these numbers are compared for each of the factor groups in an analysis, the highest number (i.e. range) identifies the strongest constraint. The lowest number identifies the weakest constraint, and so forth. The range (or magnitude of effect) enables you to situate factor groups with respect to each other. It can also be used to compare the variable grammar of linguistic features across analyses. (TAGLIAMONTE 2006, p. 242)

Os resultados de pesos relativos estão assim apresentados:

- a) Fatores sociais: escolarização, faixa etária e gênero/sexo
- b) Fatores linguísticos: traço semântico do antecedente [+/- animado; +/- humano], categoria morfológica do antecedente, número do antecedente, estrutura do sintagma verbal, traço semântico do antecedente [+/- específico], função do antecedente e distância entre o antecedente e a anáfora.

3.1 Escolarização

O grau de escolarização dos falantes, fator importante para o estudo de Duarte (1986), como já havia sido previsto, mostrou-se também significativo na escolha das variantes em nossos dados devido à rejeição da escola ao pronome lexical, ao ensino normativo do clítico e a não menção das demais categorias. A variável é a quarta selecionada para o pronome lexical e oitava para a categoria vazia. Não houve seleção para o SN anafórico. Os pesos relativos e as frequências relativas das variantes quanto à variável encontram-se na tabela 20 abaixo.

Os resultados computados apontam que, à medida que o grau de escolarização do falante aumenta, decresce o uso do pronome lexical. A categoria vazia, variante não marcada socialmente, é a principal forma utilizada por todos os falantes, porém destaca-se ainda mais no nível universitário por ser a forma que evita o "erro" do uso do pronome lexical.

Tabela 20: Frequência relativa e pesos relativos quanto à escolarização dos falantes. Dados do PortVix

ESCOLARIZAÇÃO								
Frequência								
	Pronome Lexical		SN anafórico		Categoria Vazia		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Fundamental	271	17,3	475	30,4	827	52,4	1577	53,0
Médio	97	13,2	239	32,6	398	54,2	734	24,7
Universitários	43	6,5	208	31,2	415	62,3	666	22,4
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100

Pesos Relativos			
	Pronome Lexical	SN anafórico	Categoria Vazia
Input	0.053	0.288	0.555
Fundamental	0.58	[0.50]	0.47
Médio	0.48	[0.52]	0.49
Universitários	0.34	[0.49]	0.57
Range	24		10

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical.

A hipótese para essa variável é confirmada na contraposição entre o pronome lexical e o vazio, como pode ser visto na tabela 20. Os falantes de ensino fundamental e médio desfavorecem a categoria vazia, sendo ela favorecida apenas pelos universitários, já o pronome lexical é desfavorecido por universitários e falantes com ensino médio e favorecido pelo ensino fundamental.

Pode-se concluir por esses dados que os falantes de nível universitário são pressionados a abandonar o uso do pronome lexical, favorecendo assim a categoria vazia, enquanto os falantes do ensino fundamental ainda não sofreram essa influência, por isso privilegiam o uso da forma variante.

3.2 Faixa Etária

Conforme pode ser visto na tabela 19, a variável faixa etária é o terceiro fator selecionado como significativo para o SN anafórico, quarto para a categoria vazia e sexto para o pronome lexical.

Tabela 21: Frequência relativa e pesos relativos quanto à faixa etária dos falantes. Dados do PortVix

FAIXA ETÁRIA								
Frequência								
	Pronome Lexical		SN anafórico		Categoria Vazia		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
7 – 14 anos	67	14,5	157	33,9	239	51,6	463	15,6
15 – 25 anos	148	15,2	246	25,2	582	59,6	976	32,8
26 – 49 anos	131	16,6	271	34,3	389	49,2	791	26,6
➤ 49 anos	65	8,7	252	33,7	430	57,6	747	25,1
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome Lexical		SN anafórico		Categoria Vazia			
Input	0.053		0.289		0.555			
7 – 14 anos	0.50		0.53		0.48			
15 – 25 anos	0.57		0.42		0.55			
26 – 49 anos	0.54		0.55		0.44			
➤ 49 anos	0.36		0.52		0.51			
Range	21		13		11			

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical

Os resultados de Duarte (1986) indicam que falantes da menor faixa etária privilegiam o uso do pronome lexical e falantes da maior faixa etária favorecem o SN anafórico. Nossa hipótese segue a conclusão de Duarte, porém nossos resultados

não confirmam que o aumento da faixa etária faz decrescer o uso do pronome lexical. Embora a faixa etária mais velha, mais de 50 anos, desfavoreça a variante, as duas faixas intermediárias a favorecem.

Esperávamos, também, que com aumento da faixa etária as outras duas variantes não-estigmatizadas fossem fortemente favorecidas, o que não acontece. Os pesos relativos dos SNs e da categoria vazia na última faixa etária são bem próximos do ponto neutro, 0.52 e 0.51 respectivamente. Além disso, há o desfavorecimento das formas nas faixas intermediárias, como mostra a tabela 21.

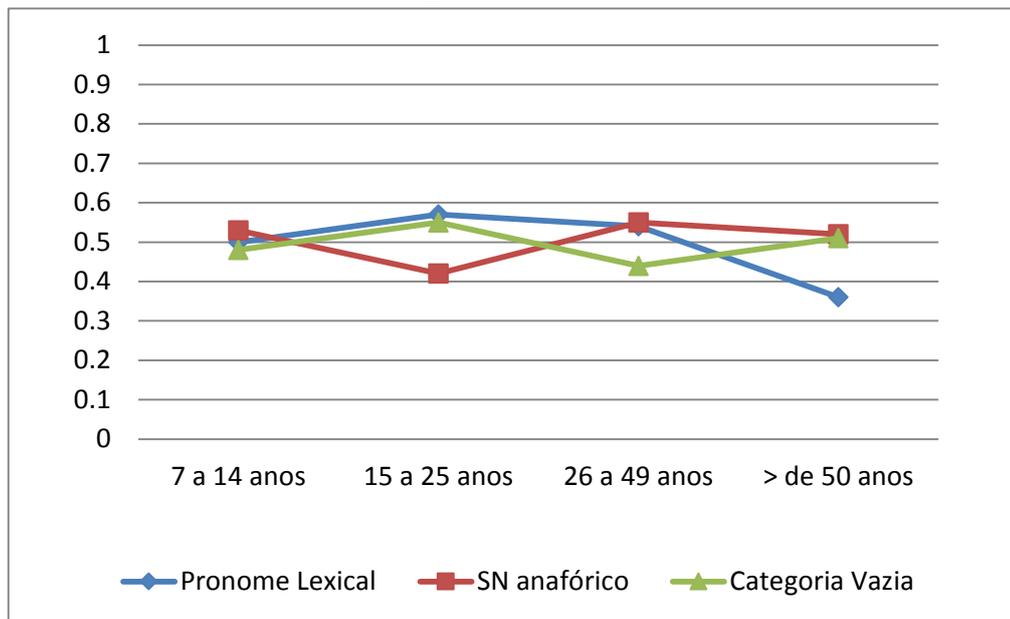
Quando se está diante de resultados numéricos para a faixa etária, as curvas dos gráficos formados pelos resultados de cada fator da variável podem nos informar em qual direção encontra-se a variação, se estável, se caminha para a mudança linguística com extinção ou aquisição da variante.

Segundo Naro e Scherre (1991, p. 11), o padrão etário típico de uma forma que está desaparecendo da língua deve apresentar pessoas jovens usando menos a variante que pessoas de meia idade que, por sua vez, usam menos a variante que falantes da faixa etária mais velha. O padrão de aquisição é o contrário, nesse caso o uso da variante mostra-se mais alto entre os jovens e diminui gradativamente de acordo com o aumento da faixa de idade. Já o padrão curvilíneo, no qual os mais jovens e os mais velhos apresentam pesos relativos mais baixos enquanto a faixa intermediária apresenta pesos relativos mais altos, demonstra uma variação estável.

O padrão etário que se observa para as três variantes é o de uma variação estável: o pronome lexical apresenta padrão curvilíneo, com os jovens e idosos utilizando menos a forma do que as faixas etárias intermediárias. Além disso, a variante está presente na língua desde o português arcaico, como já discutido anteriormente. A categoria vazia e o SN anafórico apresentam uma distribuição espelhada, isto é, nas faixas em que uma é mais alta, a outra é mais baixa, como pode ser percebido no gráfico 2.

No geral, o fenômeno ainda não se encontra em processo de mudança, as três formas competem entre si e convivem no sistema linguístico sem causarem ameaça uma as outras.

Gráfico 2: Pesos relativos em relação à faixa etária dos falantes. Dados do PortVix



Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical.

3.3 Gênero/Sexo

Muitas pesquisas apontam que as mulheres possuem maior sensibilidade linguística e prestam mais atenção a sua forma de falar e por isso tendem a usar as formas de prestígio. A respeito do tema, Labov (2010) discorre a respeito do diferente comportamento linguístico dos gêneros/sexo feminino e masculino através do Paradoxo do Gênero e do Paradoxo da Conformidade, ambas visões que se relacionam com a questão do prestígio das variantes. Para tanto o autor expõe que os fenômenos variáveis podem apresentar (1) variação estável, (2) mudança externa com consciência social e (3) mudança interna sem consciência social (LABOV, 2010, p. 263). Esses conceitos serão importantes para toda a discussão que se fará a respeito do gênero e o fenômeno linguístico.

Primeiramente apresento o Paradoxo do Gênero proposto por Wolfram e Schilling-Estes (1998, p. 187 *apud* LABOV, 2010, p. 365) pelo qual se considera que os fenômenos linguísticos apresentam uma aparente contradição quanto ao comportamento das mulheres:

Women appear to be more conservative than men, in that they use more standard variants... At the same time, women appear to be more progressive than men, because they adopt new variants more quickly.

Labov discute a contradição observada no Paradoxo do Gênero pensando-o como Paradoxo da Conformidade. Segundo o autor, “women deviate less than men from linguistic norms when the deviations are overtly proscribed, but more than men when the deviations are not proscribed” (LABOV, 2010, p. 367).

Nesse cenário, quando se está diante de uma variação estável, em que não ocorre mudança, as mulheres utilizam mais as formas de prestígio do que os homens, pois seguem as normas estabelecidas, apresentando comportamento conservador e conformista. Se o fenômeno aponta para mudança externa com consciência social, as mulheres buscam as formas de prestígio e apresentam comportamento inovador e conformista, porque seguem as regras já existentes. Em um contexto de mudança interna sem consciência social, as mulheres tenderão a utilizar mais as formas inovadoras. Aqui não se trata mais de formas de prestígio, e, sim, do uso das formas novas que rompem com as anteriormente existentes. Nesse contexto, elas apresentam comportamento inovador e não conformista.

Para Scherre e Yacovenco (2012) o que está em jogo no papel do gênero é a noção de Marcação, de Givón (1995). Segundo as autoras, “as mulheres se guiam pelo menos marcado, ou seja, tendem a favorecer formas ou variantes linguísticas mais gerais e mais frequentes e/ou menos sujeitas a estigma social” (SCHERRE; YACOVENCO, 2012, p. 174). Isso implica dizer que, em contextos menos marcados, mas não necessariamente mais prestigiados, as mulheres se põem à frente na variação ou na mudança. Por outro lado, em contextos mais marcados, mas não necessariamente menos prestigiados, os homens estão à frente do processo.

Com relação ao fenômeno aqui discutido, a categoria vazia, forma que se comporta como a variante inovadora, é menos marcada e parece estar abaixo do nível da consciência, uma vez que não há, por parte do falante, uma percepção de que essa variante é um desvio ou uma forma prestigiada. Esse seria o motivo para que as mulheres estejam à frente na utilização dessa variante, o que confirma a hipótese levantada para ela.

Por outro lado, o SN anafórico, forma também menos marcada e não-estigmatizada, é favorecido pelo gênero/sexo masculino. Nesse contexto, pode-se considerar que a grande diferença entre o comportamento das variantes seja o fator “categoria inovadora” que faz com que uma variante seja preferida por um gênero e outra por outro. Além disso, ainda que as duas formas sejam não marcadas, a categoria vazia sempre apresentará menos marcas que qualquer outra forma.

Contrariando a hipótese levantada, de que o gênero/sexo masculino favoreceria o pronome lexical enquanto o gênero/sexo feminino o desfavoreceria, a variável gênero não se mostrou relevante estatisticamente para a variante. Também a hipótese para o SN anafórico não foi confirmada, a variável é o quarto fator selecionado para o SN e o sétimo para a categoria vazia.

Tabela 22: Frequência relativa e pesos relativos quanto à gênero/sexo dos falantes. Dados do PortVix

GÊNERO/SEXO									
Frequência									
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Feminino	231	13,7	475	28,2	980	58,1	1686	56,6	
Masculino	180	13,9	451	34,9	660	51,1	1281	43,4	
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100	
Pesos Relativos									
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia				
Input	0.052		0.289		0.555				
Feminino	[0.48]		0.47		0.53				
Masculino	[0.53]		0.54		0.46				
Range			7		7				

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical

4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

4.1 Traço semântico do antecedente [+/- humano; +/- animado]

Todos os estudos abordados na revisão bibliográfica desse trabalho (Omena 1978, Duarte 1986, Malvar 1992, Arruda 2006) apontam o fator animacidade do antecedente como principal fator condicionante para a não aplicação da regra do objeto nulo ou a escolha da variante pronome lexical para preencher a função de objeto direto anafórico. Os resultados dessa pesquisa também apontavam essa variável como o contexto forte para uso do pronome lexical e como importante fator quanto ao comportamento das demais variantes. No entanto, ao analisar a variável percebemos que havia uma interação entre a animacidade e o traço [+/- humano] do antecedente. Interação, nesse contexto, “quer dizer que o efeito de dois fatores, quando ocorrem juntos, não é equivalente ao efeito previsto ao se considerar cada um separadamente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 178).

Para analisar esses casos, o programa GoldVarb X disponibiliza uma ferramenta denominada tabulação cruzada, pela qual o linguista consegue ter certeza de que realmente ocorre interação entre dois grupos de fatores. O quadro abaixo apresenta a tabulação cruzada entre os fatores: traços [+/-humano] [+/-animado] do antecedente.

Tabela 23: Tabulação cruzada das variáveis traço [+/-humano] [+/-animado] do antecedente. Dados PortVix

		[-animado]		[+animado]		Total	
		N	%	N	%	N	%
[-humano]	Pron. Lexical	58	3	42	20	100	4
	SN anafórico	750	36	50	24	800	35
	Cat. Vazia	1265	61	119	56	1384	61
	Total	2073		211		2284	
[+humano]	Pron. Lexical	0	--	311	45	311	45
	SN anafórico	0	--	126	18	126	18
	Cat. Vazia	0	--	256	37	256	37
	Total	0	--	693		693	
Total	Pron. Lexical	58	3	353	39	411	14
	SN anafórico	750	36	176	19	926	31
	Cat. Vazia	1256	61	375	41	1640	55
	Total	2073		904		2977	

Pela tabulação cruzada torna-se óbvia a interação, pois, claramente pode ser visto que o traço [+/- humano] não é completamente independente do traço [+/- animado]. O quadro mostra que todo antecedente [+humano] é também [+animado]. Por outro lado, não há antecedente que possua, ao mesmo tempo, os traços [+humano] e [-animado].

Como forma de resolver a questão da interação, recodificamos os dois grupos de fatores formando apenas um. Dessa forma construímos uma nova variável composta pelos seguintes fatores: traço [+humano; +animado]; [- humano; +animado]; [- humano; -animado].

Essa correlação existente entre os dois traços do antecedente pode ser explicada pela questão do gênero gramatical do antecedente. Conforme Mattoso Câmara Jr. (1977), “gênero gramatical” é uma categoria mórfica de classificação dos nomes (substantivos, adjetivos e outras palavras nominais). Nas línguas indo-europeias, os nomes se distribuem em duas ou três classes mórficas associando-se àquilo que pode ser interpretado como “sexo natural”. Assim, a classificação gramatical faz referência ao sexo do ser nomeado. Tal classificação pode ser binária (masculino e feminino) ou tripartida (masculino, feminino e neutro).

Segundo Menuzzi e Creus (2006), a divisão tripartida é oriunda das antigas línguas clássicas, em que o latim está inserido, e seria resultante de uma primeira divisão semântica entre “gênero animado” (seres *ativos*) e “gênero inanimado” (seres *inertes*). Aos seres inertes ou “gênero inanimado” corresponde o atual gênero gramatical neutro, enquanto o “gênero animado” teria sido posteriormente subdividido em feminino e masculino, resultando na divisão existente hoje.

Assim, graficamente tem-se que:

Gênero inanimado, ou traço [- animado] = gênero neutro.

Gênero animado, ou traço [+animado] [+ masculino] = gênero masculino.

Gênero animado, ou traço [+animado] [- masculino] = gênero feminino.

Essa divisão é ainda encontrada nas línguas eslavas e germânicas, enquanto a divisão bipartida compreende as línguas românicas derivadas do latim, entre elas o português.

Também Omena (1978, p. 97) aborda a questão da animacidade levando em consideração o traço [+/- humano] e a existência do gênero neutro em algumas línguas naturais. Segundo a autora, no que se refere ao pronome pessoal de terceira pessoa, há línguas que possuem formas diferentes para designar diferenças de gênero (ou sexo), como o inglês, com três formas de singular: para masculino de pessoa, *he*; para feminino de pessoa, *she*; e, para outros casos, *it*.

A autora expõe (Omena, 1978, p. 97-98), e nós pudemos também observar nos resultados, que os falantes do português, língua que possui divisão bipartida de

gênero gramatical, ao usarem o pronome do caso reto em função de objeto direto parecem estabelecer, mesmo que de forma variável, a seguinte relação:

ele (s) _____ [+ animado + humano + masculino]

ela (s) _____ [+ animado + humano - masculino]

[] _____ [- animado - humano +/- masculino]

Dessa forma, na falta de um item lexical que possa representar seres [- animado - humano +/- masculino], o falante prefere deixar esse lugar vazio.

Além da questão do gênero gramatical, segundo Cyrino (2006, p. 56), podemos observar a relevância da escala de referencialidade na escolha de formas vazias ou preenchidas no processo de pronominalização de línguas que apresentam essas duas possibilidades. De acordo com essa escala, argumentos [+humano] estão na posição mais alta da hierarquia e os não-argumentos na posição mais baixa. A entidade [-humano] encontra-se no meio da escala de referencialidade, enquanto os traços [+/- específico] que interagem com todos os outros traços (CYRINO, 2006, p. 56).

Com base nessa hierarquia, considerando o PB, quando o antecedente encontra-se em uma posição muito baixa na escala de referencialidade, isto é, antecedente [-humano] [-animado] e [-específico], a escolha mais comum será a categoria vazia (CYRINO, 2006, p.56). Assim, na variável em questão, de acordo com a hierarquia apresentada por Cyrino, o contexto com antecedente [-humano] [-animado] seria o primeiro a aceitar a categoria vazia, aquele que mais favorece a variante. De modo inverso, o contexto que restringe essa forma é aquele com antecedente [+humano] [+animado].

Tabela 24: Frequência relativa e pesos relativos em relação aos traços semânticos do antecedente.

Dados do PortVix

Traço Semântico do Antecedente								
	Frequência							
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
[+Hum. +Anim.]	311	44,9	126	18,2	256	36,9	693	23,4
[-Hum. +Anim.]	42	19,9	50	23,7	119	56,4	211	7,1
[-Hum. -Anim.]	58	2,8	750	36,1	1265	61,1	2063	69,5
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia			
Input	0.053		0.289		0.555			
[+Hum. +Anim.]	0.91		0.41		0.31			
[-Hum. +Anim.]	0.73		0.47		0.48			
[-Hum. -Anim.]	0.29		0.53		0.57			
Range	62		12		26			

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical.

De fato, os resultados da amostra em estudo corroboram a análise de Cyrino (2006) e Omena (1978) e confirmam nossa hipótese a respeito da hierarquia de referencialidade. A tabela 24 mostra claramente que o antecedente [-humano] [-animado] é o que mais favorece a categoria vazia, esse seria o primeiro contexto em que a forma se instalou no PB com relação à animacidade, enquanto o antecedente [+humano] [+animado] é o ambiente que ainda apresenta restrição à variante.

Além disso, o antecedente com traços [+humano] [+animado] mostra-se como ambiente mais favorecedor para o uso do pronome lexical, a variável é a primeira selecionada pelo programa GoldVarb para a variante, e desfavorecedor para as outras duas estratégias de preenchimento. Tal fato reforça a ideia de que o gênero neutro é retomado por uma forma neutra inexistente no PB e, por esse motivo, realizada por meio de uma categoria vazia. O antecedente [-humano] [-animado] também favorece o SN anafórico. Conforme já havíamos previsto, esse

comportamento demonstra que o SN anafórico vem ganhando espaço e competindo com a categoria vazia em contextos que lhe são favoráveis.

Constata-se, dessa forma, uma contraposição entre a variante pronominal e as variantes sintagmáticas (canceladas ou não) estabelecida pelo traço [+/- animado] do antecedente.

4.2 Categoria Morfológica

A categoria morfológica do antecedente mostrou-se de extrema importância para a escolha das variantes dentro da variação do objeto direto anafórico, de modo que a variável é a primeira selecionada como numericamente significativa para a escolha dos SNs anafóricos, segunda para o pronome lexical e terceira para a categoria vazia.

A análise de Malvar (1992) constata que o paralelismo morfológico possui extrema relevância na variação do objeto direto anafórico. Os resultados da autora apontam que uma categoria vazia como antecedente tende a ser seguido por outra categoria vazia, um SN pleno tende a ser seguido por um SN pleno e um pronome lexical por outro pronome lexical (MALVAR, 1992, p. 108). A tabela 25, de frequência e pesos relativos, demonstra concordância com os resultados de Malvar e confirma a hipótese proposta de que há uma tendência à produção de estruturas paralelas no discurso.

Desse modo, observa-se que antecedentes pronominais favorecem a retomada do objeto direto por um pronome lexical (0.66) e, além disso, desfavorecem fortemente a categoria vazia (0.19). Não há casos de SNs retomando uma categoria vazia, como já comentado no capítulo III. Tal antecedente é favorecedor apenas da variante categoria vazia com peso de 0.92 e range 44. Isso quer dizer que esse ambiente linguístico é lugar da variante categoria vazia, onde ela se instala com maior frequência e facilidade. Os SNs anafóricos, por sua vez, são estratégias favorecidas por antecedentes sintagmáticos (0.53) e altamente desfavorecidas por antecedente pronominal (0.19).

Tabela 25: Frequência relativa e pesos relativos em relação à classe gramatical do antecedente.

Dados do PortVix

Categoria Morfológica								
Frequência								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total	
Substantivo	264	9,8	911	33,8	1522	56,4	2697	90,6
Pronome	145	56,6	15	5,9	96	37,5	256	8,6
Categoria Vazia	2	8,3	0	0,0	22	91,7	24	0,8
Total	411	13,8	926	31,3	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia			
Input	0.053		0.289		0.555			
Substantivo	0.49		0.53		0.50			
Pronome	0.66		0.19		0.48			
Categoria Vazia	0.19		—		0.92			
Range	47		34		44			

Rodadas para pesos relativos com GoldVarb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical.

Esses resultados demonstram nitidamente a ação do paralelismo morfológico sobre as formas em variação.

Scherre (1998) atribui o paralelismo em fenômenos variáveis ao Princípio da Iconicidade, de Givón (1995), o qual se divide em outros princípios: da quantidade, da proximidade, da ordem sequencial e da ordem linear. O único desses princípios que dá conta do paralelismo, segundo Scherre, é o da proximidade o qual estabelece que:

- Entidades mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão colocadas mais próximas (espacial ou temporalmente) no nível da codificação;
- Operadores funcionais serão colocados mais próximos (espacial ou temporalmente) da unidade conceptual para a qual forem mais relevantes, no nível da codificação;

- Base cognitiva: é, em geral, cognitivamente transparente e reflete exigências de memória associativa, ativação difundida e priming. (SCHERRE, 1998, p. 48)

A autora também considera a hipótese de Gorski (1994), segundo a qual no princípio da proximidade “a ativação de um conceito desencadeia a ativação de outros conceitos estritamente relacionados” (GORSKI, 1994, apud SCHERRE, 1998, p. 41-4), ou seja, há a ativação de uma forma em função de outra semelhante ou mesmo idêntica. Considerando que o paralelismo não é apenas uma repetição mecânica, Scherre pondera que sua função primária é cognitiva: a capacidade de aproximar coisas, fatos e significados linguísticos em função de suas semelhanças.

Assim, o processamento com paralelismo tende a ocorrer entre variantes que possuem, nesse caso, a mesma classe morfológica: antecedentes pronominais sendo retomados preferencialmente por pronomes, categoria vazia retomando uma categoria vazia e o SN antecedente sendo retomado por outro SN. Esse quadro deixa nítido o conceito da proximidade que leva o falante a juntar informações em blocos e ativar como retomada o antecedente já acionado no discurso.

4.3 Número do antecedente

A variável número do antecedente não se mostra estatisticamente significativa para o uso de SNs, todavia é a segunda selecionada pelo programa computacional para a categoria vazia e sétima para o pronome lexical e contrapõe as duas variantes.

Os pesos relativos da tabela 26 demonstram que o antecedente plural favorece a categoria vazia. Esse fato pode ser justificado por uma maior possibilidade de generalização por meio do plural, que deverá, então, ser retomado por uma forma que também seja mais genérica, a categoria vazia. O singular não contável desfavorece a variante em questão, já o singular contável é praticamente neutro para a categoria vazia e também para o pronome lexical com pesos relativos respectivos de 0.49 e 0.51.

É o singular não contável o contexto que favorece o pronome lexical enquanto o plural o desfavorece. Ao visualizarmos o peso relativo do pronome lexical com o fator antecedente singular contável (0.51), a primeira reação é a de analisar o fator como neutro para a variante. No entanto, a partir do *range*, diferença entre o peso relativo do plural (0.34) e do singular contável (0.51) é perceptível que o pronome lexical é sim favorecido por esse antecedente. Acreditamos, portanto, que o singular, contável ou não, por ser mais específico, é o ambiente do pronome lexical, pois apresenta intrinsecamente caráter especificador devido a sua função dêitica.

Tabela 26: Frequência relativa e pesos relativos em relação ao número do antecedente. Dados do PortVix

Número do Antecedente									
Frequência									
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total		
Sing. contável	363	14,7	782	31,6	1332	53,8	2477	83,3	
Sing. não contável	15	10,3	54	37,0	77	52,7	146	4,9	
Plural	33	9,3	90	25,4	231	65,3	354	11,9	
Total	411	13,8	926	31,3	1640	55,1	2977	100	
Pesos Relativos									
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia				
Input	0.053		0.288		0.555				
Sing. contável	0.51		[0.51]		0.49				
Sing. não contável	0.69		[0.53]		0.44				
Plural	0.34		[0.44]		0.61				
Range	35				17				

Rodadas para pesos relativos com GoldVarb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical

4.4 Estrutura do sintagma verbal

Em seu pioneiro estudo, Omena testa a variável estrutura do sintagma verbal distinguindo estruturas simples das mais complexas, em que há acúmulo de funções, isto é, em que “uma forma que é objeto de uma oração dominante e o sujeito de uma oração encaixada” (OMENA, 1978 p. 99) e constata que em orações simples a tendência é que o falante utilize a regra do apagamento, ou a categoria vazia, e que as estruturas complexas favoreçam a retenção pronominal. A autora justifica esse panorama pela necessidade de clareza na comunicação a qual impede que se cancele uma forma que irá exercer duas funções dentro de uma estrutura. Ao optar pela regra de apagamento, o falante impõe ao ouvinte, nesse caso, um maior esforço para a compreensão do enunciado.

Preferimos, pelos nossos resultados, pensar essa questão por um prisma menos funcional e mais sintático. Considere as seguintes orações com predicativo (78) e com oração infinitiva (79):

(78) “a TV eu ACHO ela muito mentirosa...”

(M, EF, 15 a 25 anos)

(79) “Se ele tá querendo trabalhar, com certeza eu vou deixar **ele** trabalhar”

(M, EF, 26 a 49 anos)

A oração com predicativo do objeto do exemplo 78, *Eu acho ela muito mentirosa*, é composta, na verdade, por duas orações, a oração principal - *Eu acho* - e uma mini-oração - *ela é muito mentirosa* -. Juntando-as, pode ser formada a oração: *Eu acho que ela é muito mentirosa*, uma oração principal seguida de outra subordinada subjetiva objetiva direta. Nesse tipo de estrutura o que ocorre é que o verbo achar atribui caso acusativo ao pronome *ela*, no entanto, esse elemento não é um objeto, e sim sujeito da mini-oração. Esse é o motivo pelo qual há a preferência pelo pronome lexical.

O mesmo acontece com o exemplo 79. O verbo *deixar* seleciona como complemento a oração *ele trabalhar* de modo que o verbo da oração principal atribui caso acusativo ao sujeito da subordinada. Mais uma vez, esse tipo de estrutura favorece o pronome lexical devido a sua real função: sujeito. Esse comportamento não é,

portanto, apenas regido por uma exigência comunicativa que vise à melhor compreensão do ouvinte e sim por uma questão sintática.

Duarte (1986, p.25) faz também essa análise observando a oração: “Eu não tenho nada para reclamar dela não. Eu acho ela sensacional.” (DUARTE, 1986, p. 23) Segundo a autora o objeto e o predicativo formam quase uma outra oração em que o objeto *ela* funciona como sujeito “eu acho que ela é sensacional” e por isso há a tendência de preenchimento com o pronome lexical, o pronome sujeito.

Os resultados do fator estrutura do sintagma verbal comprovam parcialmente a hipótese levantada para variável. Em nossa análise, diferente dos resultados de Omena, as estruturas simples não favorecem o uso da categoria vazia, a variável não foi sequer selecionada para a variante em questão. No entanto, a variável é a sexta selecionada para o SN anafórico e quinta para o pronome lexical.

Os resultados de pesos relativos comprovam que as estruturas complexas favorecem o pronome lexical. Por outro lado, as estruturas simples favorecem o SN anafórico. Além disso, há uma restrição ao seu uso em estruturas complexas, conforme pode ser visto na tabela 27.

Tabela 27: Frequência relativa e pesos relativos em relação à estrutura do sintagma verbal. Dados do PortVix

Estrutura do sintagma verbal								
Frequência								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total	
Simple	364	12,8	903	31,9	1566	55,3	2833	95,2
Complexa	47	32,6	23	16,0	74	51,4	144	4,8
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia			
Input	0.052		0.289		0.555			
Simple	0.48		0.51		[0.50]			
Complexa	0.77		0.33		[0.47]			
Range	29		18					

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; categoria vazia contra SN + pronome lexical

4.5 Especificidade do antecedente

Essa variável não é relevante estatisticamente para o SN, todavia, contrapõe a variante não-padrão estigmatizada, o pronome lexical, da variante não-padrão e não estigmatizada, a categoria vazia. Ela é a terceira variável selecionada como estatisticamente significativa para o pronome lexical e a nona para a categoria vazia. Essa diferença de relevância da variável para cada variante pode ser percebida pelo *range*, conforme já explicitado no início do capítulo. O *range*, ou a diferença do maior peso relativo para o menor peso, demonstra que a força exercida pela variável especificidade do antecedente é maior sobre a variante pronome lexical (*range* 23) do que sobre a variante categoria vazia (*range* 6).

Diferentemente da animacidade, que é um traço intrínseco ao item lexical (CASAGRANDE, 2007, p. 52), a especificidade depende da estrutura sintática da sentença em que o antecedente está inserido. Por exemplo, a um item lexical *homem* fora de uma estrutura do sintagma verbal não se pode definir a *priori* se possui o traço [+ / - específico], mas é possível afirmar que este possui o traço [+ animado]. Isso acontece porque a especificidade do antecedente depende do contexto sintático, semântico e pragmático da sentença, como pode ser observado nos exemplos (80-81)

(80) “esses remédio deles são umas porcaria, não serve pra nada, não vale nada... vão trocar **esses remédio**...”

(F, U, 26 a 49 anos)

(81) “via uma musiquinha aí e começava a cantar [0] ”

(M, EF, 15 a 25 anos)

Na primeira oração a palavra remédios possui o traço [+ específico] devido aos determinantes pronome demonstrativo *esses*, pronome possessivo *deles*, os quais especificam, singularizam os remédios em questão. Não se trata de qualquer remédio que é ruim e sim “*esses remédios deles*”. Na segunda oração, a palavra *musiquinha* apresenta o traço [-específico], pois o determinante artigo indefinido *uma* deixa claro que se trata de uma generalização: trata-se de qualquer música.

Na tabela 28 os pesos relativos demonstram que em contexto com antecedente [+ específico] há a preferência pelo pronome lexical em detrimento da categoria vazia, uma vez que o pronome possui intrinsecamente a característica de indicar, apontar, especificar o antecedente. Porém, mais forte que esse condicionamento é a restrição do pronome lexical com antecedentes [- específico], fator que condiciona o uso da categoria vazia. Tal restrição pode ser explicada pela escala de referencialidade proposta por Cyrino (2006) e já discutida anteriormente. O antecedente com traço [-específico] encontra-se em uma posição muito baixa na hierarquia, contexto próprio para o uso da categoria vazia. Por outro lado, a escala de referencialidade vista de forma inversa revela que o pronome *e/le* deve ser usado com antecedentes [+ específicos].

Tabela 28: Frequência relativa e pesos relativos em relação à especificidade do antecedente. Dados do PortVix

Especificidade do Antecedente								
Frequência								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total	
[+ específico]	342	15,2	686	30,5	1221	54,3	2249	75,5
[- específico]	69	9,5	240	33,0	419	57,6	728	24,5
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia			
Input	0.052		0.288		0.555			
[+ específico]	0.56		[0.49]		0.48			
[- específico]	0.33		[0.52]		0.54			
Range	23				6			

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; categoria vazia contra SN + pronome lexical.

4.6 Função sintática do antecedente

A variável função sintática do antecedente foi a última a ser selecionada para o pronome lexical, ou seja, de todas as variáveis que condicionam a variação do objeto direto anafórico e favorecem sua realização por meio de um pronome lexical, essa é a mais fraca, mas não perde a sua relevância. Para a variante, o antecedente sujeito é o ambiente linguístico mais favorecedor, enquanto o objeto como antecedente configura-se como o único contexto de resistência ao pronome lexical. Também para a categoria vazia, a variável não é das primeiras consideradas estatisticamente expressivas, ela é o sexto fator, e demonstra um comportamento diferente do esperado, comprovando, em partes, nossa hipótese.

Omena (1978) em seus dados observa que a regra de apagamento possui maior probabilidade de ocorrência quando “o pronome objeto constitui cópia de um item com função idêntica na outra oração” (OMENA, 1978, p. 99), ou seja, a categoria vazia tende a ser mais usada quando o antecedente exerce função de objeto. Dessa forma, a autora conclui que uma das condições para a regra do apagamento é o paralelismo de função com termo copiado, o que elimina a possibilidade de ambiguidade estrutural. Os dados de Vitória não ratificam a hipótese de Omena, o antecedente objeto é neutro quanto à categoria vazia e favorece o SN anafórico.

Galves (2001) expõe sobre a sintaxe do PB que construções muito frequentes na língua falada no Brasil “se assemelham àquilo que se encontra nas línguas de organização predominantemente tópico comentário” (GALVES, 2001, p. 43). Tais línguas favorecem a realização do objeto direto por meio de um objeto nulo e se opõe às línguas sujeito-predicado como o PE, as quais limitam a realização dessa forma através do pronome clítico. Esse fato pode ser observado nos exemplos da autora:

(82) “Esse negócio de tópico estou examinando desde o semestre passado.”⁸

(83) “Apanharam as maçãs e guardaram no porão.”

⁸ Exemplo retirado de Galves, (2001, p. 52).

O primeiro caso apresenta antecedente topicalizado, o segundo possui antecedente objeto direto. Segundo a linguista, nos dois casos nas demais línguas românicas, inclusive no PE, é obrigatório o uso do clítico no objeto direto anafórico, uma vez que há uma restrição muito forte para o uso da categoria vazia nessas línguas, além de ser o clítico o responsável pela recuperação do antecedente. No PB, no entanto, a categoria vazia é perfeitamente aceitável, possível e frequente nesses e em outros casos, pois a ligação do objeto anafórico com o tópico é direta, não há a necessidade de um mediador, o clítico, entre as duas funções (GALVES, 2001, p.52). Essa seria a razão para, nos dados de Vitória, o antecedente tópico apresentar-se como único favorecedor da categoria vazia, com peso relativo 0.59. As funções sujeito e objeto são neutras para a variante; demais funções a desfavorecem, conforme pode ser visto na tabela 29.

Com relação aos contextos que condicionam o SN anafórico, a variável função sintática do antecedente é o segundo fator selecionado para a variante, com range 22. São as demais funções sintáticas (complemento nominal, adjuntos etc) que mais favorecem a anáfora por meio de um SN, ou, olhando por outro prisma, desfavorecem o SN anafórico a função sujeito e, principalmente, a função tópico.

Eis aqui uma oposição entre SN, favorecido pelas demais funções e desfavorecido pelo tópico, e categoria vazia, favorecido pelo tópico e desfavorecido pelas demais funções. As duas formas são não estigmatizadas e de escape, em alguns momentos se aproximam e em outros se opõe, demonstrando, cada uma, condicionamentos linguísticos fortes para permanecerem em variação na língua portuguesa do Brasil.

Tabela 29: Frequência relativa e pesos relativos em relação à função sintática do antecedente. Dados do PortVix

Função do Antecedente								
Frequência								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia		Total	
Sujeito	212	37,7	97	17,2	254	45,1	563	18,9
Objeto	135	7,2	655	34,8	1093	58,0	1883	63,3
Tópico	33	12,7	58	22,4	168	64,9	259	8,7
Demais funções	31	11,4	116	42,6	125	46,0	272	9,1
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia			
Input	0.053		0.289		0.555			
Sujeito	0.61		0.41		0.50			
Objeto	0.45		0.53		0.50			
Tópico	0.57		0.39		0.59			
Demais funções	0.54		0.61		0.40			
Range	16		22		19			

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical.

4.7 Distância entre o antecedente e a retomada

A hipótese relativa à variável distância previa que quanto menor a distância entre o antecedente e sua retomada maior a possibilidade de uso da categoria vazia, pois a possibilidade de recuperação da informação dada é maior, o que facilita o processo comunicativo. Por outro lado, quanto maior a distância, maiores as chances de uso de estratégias lexicalizadas.

Para o trabalho de Omena a variável não demonstrou relevância estatística, já em nossa análise esse é um fator selecionado. Os resultados refutam a hipótese proposta e apontam um comportamento contrário ao esperado. Quando a retomada ocorre próximo ao antecedente, entre 1 e 20 elementos, há a preferência pelas

categorias lexicalizadas. Contextos que conferem maior distanciamento entre a anáfora e seu antecedente mostram-se como ambientes favoráveis à categoria vazia e desfavoráveis ao pronome lexical.

Uma razão para esse comportamento inesperado talvez seja o fato de que a categoria vazia encontra-se já tão implementada na língua que não há mais restrições para seu uso em relação à distância do antecedente. Ainda que a anáfora ocorra a maiores distâncias do antecedente, o uso da categoria vazia não interfere no processo comunicativo. Ela é aceita e utilizada até mesmo nos contextos que antes lhe eram restritos.

Tabela 30: Frequência relativa e pesos relativos distância do antecedente e sua anáfora. Dados do PortVix

Distância entre o antecedente e a retomada								
Frequência								
	Pronome Lexical		SN anafórico		Categoria Vazia		Total	
1 a 5 elementos	100	12,1	261	31,6	466	56,3	827	27,8
6 a 10	144	14,7	253	32,6	408	52,6	775	26,1
11 a 20	95	14,6	227	34,9	328	50,5	650	21,7
21 a 30	39	15,2	74	28,9	143	55,9	256	8,6
Mais de 30	63	13,4	111	23,7	295	62,9	469	15,7
Total	411	13,8	926	31,1	1640	55,1	2977	100
Pesos Relativos								
	Pronome lexical		SN anafórico		Categoria vazia			
Input	0.053		0.289		0.555			
1 a 5 elementos	[0.54]		0.48		0.50			
6 a 10	[0.53]		0.52		0.47			
11 a 20	[0.49]		0.55		0.46			
21 a 30	[0.46]		0.48		0.53			
Mais de 30	[0.40]		0.43		0.59			
Range			12		13			

Rodadas para pesos relativos com Gold Varb X: Pronome lexical contra SN + categoria vazia; SN contra categoria vazia + pronome lexical; categoria vazia contra SN + pronome lexical

5 RODADA ENEÁRIA

A rodada eneária de pesos relativos realizada com o programa de análise estatística Varbrul é usada aqui como contraprova dos resultados apresentados anteriormente, uma vez que o método utilizado para observar quais os ambientes que condicionam a variação do objeto direto anafórico foi a amalgamação de variantes para a realização de rodadas binárias em um fenômeno eneário.

A rodada eneária permite a comparação das três variantes simultaneamente, por isso o ponto neutro não é mais 0.500 como nas análises binárias e, sim, 0.333. O método não possui seleção de fatores, como o GoldVarb X, além disso, o programa apresenta outras restrições, como não ser capaz de fazer análises com arquivos que tenham mais de mil células, por essa razão algumas variáveis não puderam ser contempladas nessa análise. Esses foram alguns dos motivos que nos impediram de trabalhar apenas com Varbrul como ferramenta estatística, mas consideramos importante a realização das análises por meio também desse programa para confirmar ou corroborar os resultados obtidos na rodada binária.

O que será feito aqui é avaliar os ambientes já selecionados pelo Goldvarb X e que favorecem uma ou outra variante e observar se eles se comportam da mesma forma em ambas as rodadas.

Apresentaremos os resultados seguindo a ordem em que aparecem as variáveis na rodada binária, em quadro único para as variáveis sociais e outro para variáveis linguísticas.

5.1 Variáveis Sociais

As variáveis sociais apresentaram comportamento semelhante nas duas rodadas conforme descrito logo abaixo:

Tabela 31: Variáveis sociais: rodada eneária. Dados PortVix

	Pronome Lexical	Sintagma Nominal	Categoria Vazia
Input	0.249	0.177	0.574
<u>Escolaridade</u>			
Fundamental	0.44	0.28	0.27
Médio	0.34	0.35	0.31
Universitário	0.23	0.36	0.41
<u>Faixa Etária</u>			
7 a 14 anos	0.33	0.35	0.32
15 a 25 anos	0.42	0.24	0.33
26 a 49 anos	0.36	0.35	0.28
mais de 50 anos	0.23	0.39	0.38
<u>Gênero/sexo</u>			
Feminino	0.31	0.31	0.37
Masculino	0.36	0.35	0.29

O fator escolaridade não foi selecionado pelo GoldVarb como estatisticamente significativo para a variante SN anafórico, por este motivo não a observamos nessa análise. Os resultados tanto na rodada binária quanto na eneária demonstram que o ambiente que favorece o uso da categoria vazia é o de falantes com maior escolarização, os universitários, pesos relativos 0.57 e 0.41 respectivamente, já falantes com baixa escolaridade não favorecem a variante.

Com relação ao pronome lexical, a rodada binária demonstrou que falantes que tivessem apenas o ensino fundamental favoreceriam a variante; o aumento da escolaridade a desfavorecia por ser essa a forma estigmatizada e condenada pela escola. Na rodada eneária o ensino fundamental é também o ambiente favorecedor do pronome lexical e o universitário o contexto que o desfavorece. O ensino médio, para a escolha do pronome lexical, é praticamente neutro nas duas rodadas

Os resultados da faixa etária também se equivalem, há apenas uma pequena divergência, a segunda faixa etária (15 a 25 anos) na rodada binária favorece a

categoria vazia enquanto na análise com três variantes a mesma faixa etária mostra-se neutra para variante.

A variável gênero/sexo do falante não foi selecionada para o pronome lexical na rodada realizada pelo GoldVarb X. Os resultados para as outras formas em variação demonstram que o gênero/sexo feminino favorece a categoria vazia e desfavorece o SN anafórico. Falantes do gênero/sexo masculino, ao contrário, privilegiam o SN anafórico, desfavorecendo a categoria vazia.

5.2 Variáveis Linguísticas

Conforme dito no tópico anterior, o Varbrul trabalha com o valor máximo de mil células para cada rodada. Para constituir a análise precisamos, portanto, selecionar algumas de nossas variáveis. Decidimos manter as três variáveis sociais; como nosso estudo é sociolingüístico, excluí-las não seria uma opção. Junto dessas variáveis adicionamos aquelas consideradas pelo GoldVarb X como relevantes para a escolha do pronome lexical de acordo com sua ordem de seleção. Assim, das variáveis linguísticas selecionadas pelo GoldVarb X, apenas a função sintática do antecedente e a distância da retomada não entraram na análise, pois o programa já havia atingido seu limite de mil células.

Assim como o GoldVarb X, o programa Varbrul não realiza a análise estatística se houver “casas vazias” em alguma variável, por isso foi necessário excluir, na variável categoria morfológica, o fator antecedente categoria vazia já que o SN anafórico não apresentava nenhuma ocorrência com esse tipo de antecedente.

A tabela 32 traz os resultados da rodada eneária para as variáveis linguísticas.

Tabela 32: Variáveis linguísticas, rodada eneária. Dados PortVix

	Pronome Lexical	Sintagma Nominal	Categoria Vazia
Input	0.249	0.177	0.574
<u>Traço Semântico</u>			
[+ anim.+ hum.]	0.68	0.16	0.15
[+ anim. – hum.]	0.39	0.30	0.31
[- anim. – hum.]	0.08	0.45	0.47
<u>Categoria Morfológica</u>			
Substantivo	0.22	0.50	0.27
Pronome	0.44	0.19	0.36
<u>Número do antecedente</u>			
Singular Contável	0.33	0.35	0.33
Singular não contável	0.49	0.28	0.22
Plural	0.21	0.34	0.45
<u>Estrutura do sintagma verbal</u>			
Estrutura Simples	0.19	0.41	0.41
Estrutura Complexa	0.52	0.24	0.24
<u>Especificidade</u>			
[+específico]	0.46	0.27	0.27
[-específico]	0.22	0.39	0.39

Os resultados da rodada eneária seguem o mesmo padrão da rodada binária, os contextos que favorecem a uma ou outra variante nesta rodada são bem próximos aos daquela. Na variável traço semântico do antecedente, a variante pronome lexical é favorecida pelos traços [+ animado, +/-humano] e desfavorecida pelos traços [-animado, - humano]. As variantes sintagmáticas, preenchidas ou não, comportam-se de modo contrário ao pronome lexical, os traços [+ animado, +/-humano] desfavorecem as variantes enquanto os traços [- animado, - humano] as favorecem.

Como dito anteriormente, devido ao SN não apresentar ocorrências com antecedente categoria vazia, esse fator foi retirado da variável categoria morfológica na rodada eneária, por esse motivo os resultados das duas rodadas divergem-se levemente. Na rodada binária o antecedente substantivo é neutro para a categoria vazia (0.50) e o antecedente pronominal desfavorece a variante; o ambiente favorecedor é o antecedente categoria vazia, confirmando assim a ação do paralelismo morfológico sobre as variantes. A rodada eneária é realizada sem o fator antecedente categoria vazia, assim o antecedente pronominal ganha espaço e aparece como ambiente que favorece a variante categoria vazia, mesmo que levemente (0.36), enquanto o fator antecedente substantivo a desfavorece.

As outras duas variantes comportam-se de modo análogo nas duas rodadas, reforçam a questão do paralelismo morfológico com antecedente pronominal favorecendo a anáfora por meio do pronome lexical e antecedente substantivo favorecendo o SN anafórico.

A variável número do antecedente não foi selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante para a variante SN anafórico, por isso não contrastamos os resultados da variante nas duas rodadas. Quanto ao uso do pronome lexical e da categoria vazia os pesos relativos das duas análises se igualam: o singular contável é neutro para as duas variantes, já os outros fatores distinguem as duas formas de modo que o singular não contável favoreça o pronome lexical e desfavoreça a categoria vazia, o plural age contrariamente, favorecendo a categoria vazia e desfavorecendo o pronome lexical.

Os dois resultados da variável estrutura do sintagma verbal seguem na mesma direção. Esse fator não é considerado relevante para a categoria vazia, mas contrapõe as outras formas em variação. A estrutura complexa é o ambiente que mais favorece o pronome lexical enquanto a estrutura simples o desfavorece. Com relação ao condicionamento do SN anafórico, a estrutura simples demonstra-se praticamente neutra na rodada binária, com peso relativo de 0.51, contudo, na rodada eneária o fator favorece a variante. A estrutura complexa desfavorece a variante em ambas as análises.

A especificidade do antecedente não é selecionada para o SN anafórico. Quanto aos seus resultados, o mesmo padrão é seguido nas duas rodadas e contrapõe pronome

lexical e categoria vazia. O traço [+ específico] do antecedente mostra-se como contexto que favorece o uso do pronome lexical enquanto o traço [- específico] do antecedente comporta-se de modo contrário.

6 CONCLUSÃO

Usar as duas ferramentas estatísticas, o GoldVarb X e o Varbrul, possibilitou que os resultados apresentados nessa pesquisa tivessem maior confiabilidade. Por se tratarem de modelos estatísticos distintos alguns pesos relativos não se mostram equivalentes em ambas as rodadas, porém, há muito mais convergências do que divergências. Esse fato permite-nos dizer sem ressalvas que os resultados e análises feitas nesse trabalho descrevem o cenário da variação do objeto direto anafórico na variedade de Vitória/ES apontando os condicionamentos sociais e linguísticos que direcionam essa variação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado a respeito da variação existente no fenômeno do objeto direto anafórico na fala de Vitória/ES permitiu constatar, após as análises estatísticas e linguísticas, que o clítico acusativo de 3ª pessoa na fala capixaba está em vias de desaparecimento, representando apenas 0,5% dos dados, índice muito baixo para que se possa pensar em uma manutenção da variante.

O cenário do clítico em Vitória segue a tendência do país. Os estudos de Duarte (1986), Omena (1978), entre outros já citados, demonstram que o clítico vem deixando de fazer parte do repertório linguístico, não só dos capixabas, mas dos brasileiros.

Quanto a essa questão, Cyrino (1996) é enfática ao afirmar que o clítico acusativo não está simplesmente desaparecendo da fala, na verdade, essa forma não pertence mais ao vernáculo brasileiro devido à mudança na direção de cliticização e a não assimilação dos clíticos pelas crianças brasileiras. Nossos dados reforçam essa ideia. A primeira faixa etária, 7 a 14 anos, não apresenta caso algum de clítico acusativo, que começa a aparecer apenas na segunda faixa, 15 a 25 anos, idade em que os falantes já foram mais expostos ao ensino normativo das escolas. Essa conjuntura leva a crer que a presença do clítico acusativo na fala dos capixabas e dos brasileiros como um todo se deve à escolarização, ao ensino normativizador advindo das concepções tradicionais da gramática. Pela normatização e pressão da escola, esses pronomes acabam se instalando na escrita dos escolarizados, mas muito raramente aparecem na fala. Fica, portanto, demonstrado que nem mesmo a força e o poder das instituições escolares são capazes de fazer com que o clítico acusativo se fixe na fala dos moradores de Vitória.

Dessa forma, observa-se que o uso dessa variante se restringe a contextos bem específicos: 1) junto a verbos no infinitivo, especializando-se em *lo(s)*, *la(s)*; 2) em orações simples, formadas por S+V+OD e 3) em expressões tão marcadas pela rejeição do pronome lexical, o qual provoca nas orações cacofonia, que chegam quase a ser cristalizadas, como em: “a vi”, “a amo”.

Por outro lado, o pronome lexical como objeto direto, mesmo estando presente na língua portuguesa do Brasil desde o português arcaico, ainda é visto pelo ensino regular como erro gramatical, uma vez que tal uso seria um desvio de função do pronome, o qual deixa de agir como sujeito para atuar como objeto direto. Contudo, ainda que seja alvo de estigmatização, por se tratar de um “desvio de norma”, o pronome lexical possui índice de uso bastante significativo na fala capixaba, 13,4%.

Entende-se, com esse percentual, que as tentativas da escola, das gramáticas tradicionais, de banir da fala o pronome lexical não tem alcançado êxito, principalmente por ser essa uma variante com encaixamento linguístico muito forte: ocorre preferencialmente em contexto semânticos em que o antecedente retomado possui os traços [+humano] [+animado] e [+específico]

Além desse fator, o pronome lexical também é favorecido pela retomada de um antecedente que seja pronome e exerça função de sujeito. Estruturas mais complexas também favorecem ao pronome lexical, bem como a retomada de antecedentes no singular não contável e a menor distância entre o antecedente e a anáfora.

A categoria vazia, inovadora, vem ganhando espaço no cenário linguístico nacional, e se faz presente na língua desde o século XIX como demonstrou Tarallo (1996) afirmando que aumento da marcação do sujeito no PB propiciou o aumento da categoria vazia em função de objeto direto. Essa variante apresenta-se como forma menos estigmatizada e, portanto, um escape ao “erro gramatical” representado pelo pronome lexical, como afirmam Omena (1978) e Duarte (1986). Por isso, a forma não-preenchida do objeto é a mais utilizada por falantes de todas as faixas etárias e escolaridade, mas, mesmo assim, apresenta maior índice entre os universitários.

Os condicionamentos linguísticos que favorecem o uso da categoria vazia a contrapõe ao pronome lexical. Os traços [-humano], [-animado] e [-específico] do antecedente favorecem a essa categoria, bem como antecedentes no plural e que sejam topicalizados. A maior distância entre o antecedente e sua anáfora também favorece a categoria vazia.

O sintagma nominal anafórico é identificado como uma variante intermediária, abordada pela escola e sem nenhum tipo de marcação social. Em Vitória, a frequência relativa de uso dessa categoria é alta, 30,5% das ocorrências.

Um dos objetivos dessa pesquisa, portanto, foi compreender o porquê de em Vitória o uso de SNs é tão acentuado. Pelos resultados, pode-se perceber que não há condicionamentos sociais fortes para o SN, tanto a faixa etária quanto a escolaridade não são fatores determinantes para a escolha da variante. Porém, os condicionamentos linguísticos são bem específicos para a categoria, de modo que ela não se aproxima nem do comportamento do pronome lexical, nem da categoria vazia, e, sim, apresenta contextos próprios que a favorecem.

Assim, o SN tem sua realização favorecida quando retoma um antecedente que pertence à classe dos substantivos e que ocupa outras funções a não ser a de sujeito, objeto e tópico. Também favorecem a categoria o antecedente que apresenta os traços [-humano] e [-animado], estruturas simples, em que a forma anafórica possui apenas uma função dentro da oração, a de objeto direto, e distâncias intermediárias entre o antecedente e sua retomada.

Os resultados obtidos permitiram concluir que as três variantes do objeto direto anafórico encontram-se bem estabilizadas na língua, possuindo cada uma condicionamentos sociais, morfológicos, sintáticos e semânticos próprios e contextos específicos de ocorrência.

Espera-se que as conclusões aqui encontradas auxiliem novas pesquisas e ajudem na maior compreensão da complexidade do PB e da mudança no quadro dos pronomes dessa variedade lingüística. Espera-se também chamar a atenção para a importância de se entender a língua como sendo viva e dinâmica, não guiada por regras normativas, mas detentora suas próprias regras internas de organização e possibilidades de variação e mudança.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo, HUCITEC, Brasília, INL, 1981.

ARRUDA, Niguelme C. **A realização do objeto direto no português culto falado: um estudo sincrônico**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara - SP, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

CASAGRANDE, Sabrina. **A aquisição do objeto direto anafórico no português brasileiro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

CASTILHO, Ataliba. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CYRINO, Sônia. M. L. **Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos**. In: KATO, Mary Aizawa; ROBERTS, Ian (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. **O objeto nulo no Português do Brasil: Uma mudança paramétrica?** Unicamp, MS., Campinas, 1990. *Apud* NUNES, Jairo M. Direção de clitização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: KATO, Mary Aizawa; ROBERTS, Ian (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. **Algumas questões sobre a elipse de VP e objeto nulo em PB e PE**. In: Guedes, M; Berlinck, R. de A.; Murakawa, C. de A.A. (Orgs.) *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, SP, *Cultura Acadêmica*, p. 53-79. 2006.

CUNHA, C.; LINDLEY, C. **A nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIONÍSIO, A. P. **Análise da Conversação**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística, domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

DUARTE, Maria Eugênia L. **Clítico Acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil.** In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1989.

_____. *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil.* Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1986.

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as gramáticas do português.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar.** Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GORSKI, Edair Maria. **O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1994. Tese de Doutorado em Linguística, inédito. *Apud* SCHERRE, M. M. P. *Paralelismo Linguístico*. Revista Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa.** São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, D. da; BALTOR, C. da S. **Estudo variacionista do objeto direto anafórico no falar pessoense.** In: CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, M. A. T; LOPES, Ruth E. V; CYRINO, S. M. L. (Orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro.* São Paulo: Pontes Editora, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008[1972].

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors.* Oxford, Blackwell, 2010.

MALVAR, Elizabete da S. **A realização do objeto direto de terceira pessoa em cadeia anafórica no Português do Brasil.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1992.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Dispersos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____. **Dicionário de Linguística e Gramática.** Petropolis: Vozes, 1977.

MENUZZI, S.; CREUS, S. **O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro**. Anais do 6º Encontro CelSul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

NARO, Antony. J. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLICA, M.C; BRAGA, A. L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. SCHERRE, M. M. P. **Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala**. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M; TARALLO, F. (Orgs). *Cadernos de estudos linguísticos 20*. Campinas: Unicamp, 1991.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro, Simões, 1953.

NEVES, Maria H. de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, Jairo M. **Direção de clitização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro**. In: KATO, Mary Aizawa; ROBERTS, Ian (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: UNICAMP, 1996.

OLIVEIRA, Solange M. **Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

OMENA, Nelize P. de. **Pronome pessoal de terceira pessoa. Suas formas variantes em função acusativa**. Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1983.

SCHERRE, Maria Marta P. **Paralelismo Linguístico**. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998.

SCHWENTER, S.; SILVA, G. **Variation in Anaphoric Direct Object Expression Across Portuguese Dialects**. NWAV 39 - San Antonio, November 5, 2010.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **Diagnosticando uma Gramática Brasileira: O português d'além-mar ao final do século XIX**. In: KATO, Mary Aizawa; ROBERTS, Ian (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: UNICAMP, 1996.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2009[1968].

WOLFRAM, W.; SCHILLING-ESTES, Natalie. **American English**. Oxford: Blackwell, 1998. *Apud* LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford, Blackwell, 2010.

YACOVENCO, L.C.; et al. **Projeto PORTVIX: a fala de Vitória em cena**. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

_____; SCHERRE, M. M. P. **A variação linguística, o gênero do falante e o princípio de marcação linguística e social**. In: CARMELINO, A. C; MEIRELES, A. R; YACOVENCO, L. C. (Orgs). *Questões Linguísticas: Diferentes abordagens teóricas*. Vitória: PPGEL/UFES, 2012.